



LSPA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

PREVALÊNCIA DA HOSTILIDADE MASCULINA
DIRIGIDA ÀS MULHERES

SUSANA LUZ

Orientador de Dissertação:

PROFESSOR DR. JOSÉ ORNELAS

Coordenador de Seminário de Dissertação:

PROFESSOR DR. JOSÉ ORNELAS

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em Psicologia Clínica

2017

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação do
Professor José Ornelas, apresentada no ISPA – Instituto
Universitário para obtenção do grau de Mestre
na especialidade de Psicologia Clínica

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador de seminário de dissertação, Professor Dr. José Ornelas, pela disponibilidade e gratificante orientação que me dispensou, pelo apoio e confiança, pela sua energia contagiante, que conduziram à conclusão desta dissertação.

Aos meus professores em geral, pelos conhecimentos transmitidos ao longo do curso.

Agradeço a todos os que se cruzaram comigo ao longo deste percurso académico, direta ou indiretamente, pelas sugestões, troca de ideias, apoio, confiança e motivação.

Agradeço em particular às minhas filhas Carolina e Chantal, por todo o amor, apoio e compreensão que me dedicaram. Ao meu irmão António pelas infinitas conversas de apoio e motivação, ao meu marido António pela compreensão e apoio, ao meu irmão João pelas mensagens de confiança, às minhas irmãs Rita e Sofia pela confiança e motivação, à minha amiga Nani pelas conversas e gargalhadas.

Aos meus colegas, que me acompanharam nesta viagem tão rica e emocionante, com tantas novas e empolgantes descobertas.

Agradeço a todos pelo carinho, apoio e confiança que sempre me disponibilizaram.

A mente que se abre a uma nova ideia jamais voltará ao seu tamanho original.

Albert Einstein

RESUMO

Este estudo teve como principal objetivo avaliar a prevalência e distribuição da Hostilidade Masculina Dirigida às Mulheres, assim como compreender quais as características subjacentes à sua manifestação. O processo de amostragem realizado foi o não probabilístico, de conveniência e intencional tipo *snowball*. A escala da *Hostility Towards Women* (Hostilidade Dirigida às Mulheres - HDM) (Check, 1984) foi administrada a 479 sujeitos do género masculino. A escala da HDM revelou possuir uma boa Consistência interna. Através de uma análise correlacional, foi testada a incidência da HDM entre os participantes, e a relação entre a HDM e as seguintes variáveis: idade, nacionalidade, tipo de local de residência, habilitações académicas, estado civil e rendimento anual. Os resultados revelaram que 316 (66%) dos participantes possuíam HDM elevada. A idade revelou ter uma associação positiva com o nível de HDM. Os participantes Não Portugueses revelaram possuir um nível de HDM mais elevado do que os participantes Portugueses. O nível de escolaridade revelou um efeito no nível de HDM, tendo sido os participantes com grau de mestrado os que revelaram níveis mais baixos de HDM. Os participantes solteiros ou em união de facto revelaram possuir um nível de HDM menos elevado do que os participantes casados ou divorciados. Os participantes com um rendimento anual até 10 000 euros foram os que revelaram HDM mais baixo.

Estas descobertas ajudam a compreender a prevalência e distribuição da HDM e podem contribuir para ampliar a pesquisa e os esforços que visam a sua prevenção e redução.

Palavras-chave: Hostilidade Dirigida às Mulheres; Escala

ABSTRACT

The essential aim of this study was to evaluate the prevalence and distribution of male Hostility Toward Women (HTW), as well as to understand the characteristics underlying its manifestation. The sampling process used was non-probabilistic, convenience-based and snowball-type. The HTW scale (Check, 1985) was administered to 479 male subjects, aged between 21-66, of whom 328 (68.5%) were Portuguese nationals and 151 (31.5%) were foreigners. The HTW scale revealed good internal consistency. Using correlational analyses, we tested the incidence of HTW among participants, as well as the association between HTW and the following variables: age, nationality, location of residence, education, marital status, and annual income. The results revealed that among participants, 316 (66%) had high HTW. Age was found to be positively associated with HTW. Non-Portuguese participants showed a higher level of HTW than Portuguese participants. The level of schooling showed an effect on the HTW level, and the participants with master's degree showed lower levels of HDM. Single or union participants were found to have lower levels of HTW than married or divorced participants. The participants with an annual income of up to € 10,000 were the ones who showed lower HTW.

These findings help to understand the prevalence and distribution of HTW, and may contribute to further research and efforts to prevent and reduce it.

.

Keywords: Hostility Towards Women; Scale; Hostility

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	1
1. Construção da HDM.....	3
2. Articulado a Hostilidade Masculina, Agressão e violência	5
3. Definição da Hostilidade Dirigida às Mulheres (HDM).....	11
4. Revisão de estudos existentes com recurso à escala HTW	12
1. Delineamento	15
2. Participantes.....	15
3. Medidas.....	18
4. Procedimento	19
RESULTADOS	21
1. Estatística Descritiva dos Itens que compõem a escala	21
2. Testes de Hipóteses.....	27
DISCUSSÃO/ CONCLUSÃO	36
1. Limitações e Implicações.....	42
REFERÊNCIAS	44
ANEXOS	52
ANEXO A - Estatística Descritiva da Amostra	53
ANEXO B – Fiabilidade da Escala	59
ANEXO C - Resultados.....	60

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1. Estatística Descritiva dos itens	21
Tabela 2. Correlação entre a idade e a hostilidade	27
Tabela 3. Resultados do teste t-student relativamente à nacionalidade dos participantes.....	28
Tabela 4. Resultados do teste ANOVA One Way relativa ao tipo de local de residência	29
Tabela 5. Resultados do teste de Kruskal Wallis e do teste Post Hoc de Tuckey HSD relativos às Habilitações literárias com todos os participantes	30
Tabela 6. Resultados do teste de Kruskal Wallis e do teste Post Hoc de Tuckey HSD relativos às Habilitações literárias com os participantes Portugueses.....	30
Tabela 7. Resultados do teste de Kruskal Wallis e do teste Post Hoc de Tuckey HSD relativos às Habilitações literárias com os participantes NãoPortugueses	31
Tabela 8. Resultados do teste ANOVA One Way e do teste Post Hoc de Tuckey HSD relativos ao estado civil com todos os participantes.....	32
Tabela 9. Resultados do teste ANOVA One Way e do teste Post Hoc de Tuckey HSD relativos ao estado civil com os participantes Portugueses	32
Tabela 10. Resultados do teste ANOVA One Way e do teste Post Hoc de Tuckey HSD relativos ao estado civil com os participantes Não Portugueses	33
Tabela 11. Resultados do teste de Kruskal Wallis e do teste Post Hoc de Tuckey HSD relativos ao Rendimento anual com todos os participantes.....	34
Tabela 12. Resultados do teste de Kruskal Wallis e do teste Post Hoc de Tuckey HSD relativos ao Rendimento anual com os participantes Nacionais.....	34
Tabela 13. Resultados do teste de Kruskal Wallis e do teste Post Hoc de Tuckey HSD relativos ao Rendimento anual com os participantes não Nacionais.....	35
Tabela 14 - Tabela Conceptual.....	38

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Distribuição da Nacionalidade x Habilitações Literárias	16
<i>Figura 2. Distribuição da Nacionalidade x Tipo de Localização</i>	17
Figura 3. Distribuição da Nacionalidade x Estado Civil	17
Figura 4. Distribuição da Nacionalidade x Rendimento Anual	18
Figura 5. Grau de Hostilidade Masculina Dirigida às Mulheres	23
Figura 6. Níveis de Hostilidade em função da Nacionalidade	23
Figura 7. Níveis de Hostilidade dirigida às mulheres em função das Habilitações Literárias .	24
Figura 8. Níveis de Hostilidade dirigida às Mulheres em função do Tipo de Localização	25
Figura 9. Níveis de Hostilidade dirigida às Mulheres em função do Estado Civil.....	26
Figura 10. Níveis de Hostilidade dirigida às Mulheres em função do Rendimento Anual	27

INTRODUÇÃO

Ao longo das últimas décadas, a condição das mulheres na sociedade ocidental tem vindo a ser moldada por mudanças profundas e pela redefinição dos seus papéis. No entanto, embora a sua posição no mundo ocidental tenha melhorado substancialmente em vários domínios, é inegável que continuam a existir desigualdades persistentes (Vandenbossche, Spruyt, & Keppens, 2017).

Até ao final dos anos 80, a HDM foi um fator largamente ignorado pela literatura sobre violência e agressão em relação às mulheres (Check, 1984). Uma possível explicação para esta lacuna poderá ser que a maioria dos teóricos à época conceptualizava a hostilidade como um indicador de comportamento geral – cujo enfoque incidia particularmente na agressividade entre homens.

Ao mesmo tempo, os investigadores pareciam concordar entre si que os homens ocidentais, regra geral, não eram agressivos para com as mulheres, mesmo quando sujeitos a provocações vindas delas (Check, 1984).

Apesar de a hostilidade e a agressividade serem amplamente associadas na literatura sobre HDM, considera-se pertinente e importante considerar uma possível distinção entre as duas. Check (1988) propõe que a hostilidade seja considerada como um traço de personalidade assim como um estado, algo que se pode manifestar como um sentimento e não necessariamente como um comportamento agressivo. Nesta perspetiva, a HDM é vista como uma característica independente das suas manifestações comportamentais, ou seja, pode estar presente e não se manifestar através de uma exteriorização agressiva ou violenta.

Também é importante sublinhar que apesar da hostilidade e da agressividade poderem ser encaradas enquanto fenómenos distintos, embora relacionados e paralelos, ambas podem progredir para a violência (Zosky, 2016).

Jin, Eagle e Keat (2008) descreveram a hostilidade como a expressão de sentimentos negativos que se detém sobre um outro indivíduo, um preconceito atribuível hostil, definido como a crença de que as ações de outros nascem de intenções intrínsecas hostis ao sujeito.

De acordo com Anderson e Anderson (2008), a HDM é um constructo independente da hostilidade geral, pois pode ser um preditor do aumento da agressividade dirigida às mulheres e uma diminuição da agressividade dirigida aos homens — especificamente, os autores consideram que a HDM explicitamente predita agressividade contra as mulheres.

Vários são os estudos que identificaram a hostilidade como um preditor significativo de violência psicológica (O'Leary, Malone, & Tyree, 1994) e violência física (Leonard &

Senchak, 1996) perpetrada por homens. Outros estudos ainda verificaram que a hostilidade está associada positivamente tanto à gravidade da violência psicológica e física contra parceiras íntimos, como às tensões e/ou conflitos conjugais (Holtzworth-Munroe, Rehman, & Herro, 2000).

O comportamento violento dos homens em relação às mulheres é atualmente considerado um tema premente de saúde mental nacional e internacional, sendo o seu impacto na vida das mulheres não menos significativo.

Segundo dados do relatório do Observatório das Mulheres Assassinadas (OMA) (2017), em Portugal, nos últimos catorze anos, acima de 470 mulheres morreram em resultado de violência doméstica.

As Nações Unidas (NU) definem a violência contra as mulheres como “qualquer ato de violência baseada no género que resulte ou seja suscetível de resultar em dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico para as mulheres, incluindo a ameaça de tais atos, coação ou privação arbitrária de liberdade, seja na esfera pública ou privada” (Organização Mundial de Saúde, 2017) (OMS). As estimativas globais publicadas pela OMS denunciaram que 1 em cada 3 mulheres (35%), em todo o mundo, foram vítimas de violência física ou sexual por parte de um parceiro íntimo, ou de violência sexual da parte de um estranho na sua vida. Adicionalmente, a nível global, 38% dos assassinios de mulheres são cometidos por um parceiro íntimo masculino (OMS, 2017).

Dados da OMS (2016) indicam que as mulheres que estão expostas à violência por parte de um parceiro íntimo (Intimate Partner Violence ou IPV) são: 2 vezes mais propensas a sofrer de depressão; duas vezes mais suscetíveis a perturbação de abuso de álcool; 1,5 vezes mais propensas a serem infetadas por HIV, sífilis, clamídia ou gonorreia; sofrem uma incidência de 42% ao nível dos danos físicos; e têm 16% de probabilidade de dar à luz bebés com baixo peso.

Apesar dos esforços desenvolvidos para promover a consciencialização, informação e combate à HDM, esta continua a ser um problema de saúde pública significativo em todo o mundo e representa uma violação dos direitos humanos fundamentais das mulheres.

O principal objetivo da presente investigação foi avaliar a distribuição e prevalência da HDM, por se considerar tratar-se de uma questão de pesquisa social e desenvolvimento teórico premente, esperando contribuir para o desenvolvimento de programas de prevenção e intervenção com foco na HDM.

1. Construção da HDM

Ainsworth (1989) descreveu uma percepção hostil do mundo, com raízes prováveis na infância, o resultado de rupturas ao nível do processo de desenvolvimento. Tais rupturas podem transformar-se em episódios traumáticos, causados por negligência parental (i.e. crianças expostas a eventos traumáticos, como, por exemplo, cuidados inconsistentes, abusos, ou testemunharem violência parental) (Zosky, 2016). Crianças expostas a tais ambientes, como reação instintiva de auto preservação e resposta adaptativa, podem desenvolver estilos de processamento de informação social, que poderão resultar na interpretação de indicadores ambíguos como sendo hostis (Jin, Eagle, & Keat, 2008).

De acordo com Stoler (1979), a hostilidade deriva da necessidade de superar as frustrações e os traumas da infância que ameaçam a própria masculinidade ou feminilidade. Tal superação é fundamental para um desenvolvimento adequado da personalidade que permita ao indivíduo lidar com o mundo externo.

Pensa-se que as mensagens e respostas precoces dos pais, independentemente de serem positivas ou negativas, conduzem a um sistema de crenças e um padrão de vinculação que influenciará a maneira como o indivíduo se irá relacionar com os outros no futuro (Bowlby, 1969; Bretherton & Munholland, 1999), daí a importância de um cuidador que responda às necessidades do sujeito enquanto condição essencial para a estruturação e desenvolvimento psíquico da saúde emocional (Winnicott, 1983).

Quando o indivíduo não tem a oportunidade de experimentar uma vinculação saudável e plena no início do seu desenvolvimento, ir-se-á ressentir na forma de uma intensa sensação de impotência emocional (Cambuí, Neme, Abrão, & Ferreira, 2016).

Foi identificada uma ligação entre ambientes familiares onde existia violência entre pais (O'Leary, 1988), abuso infantil, em particular abuso sexual (Fagan & Wexler, 1988), e consequências emocionais e interpessoais negativas e duradouras entre as vítimas, incluindo: raiva e irritabilidade (Teicher, Samson, Polcari, & Mcgreenery, 2006), dissociação (Teicher et al., 2006), psicopatia e *déficits* interpessoais (Mullen, Martin, Anderson, Romans, & Herbison, 1996).

Os estudos de Rohner & Rohner (1980) revelaram que crianças negligenciadas pelos pais (i.e.: rejeição, hostilidade e não se sentirem amadas) apresentavam maior hostilidade e agressividade e evidenciavam dificuldades em lidar com a sua hostilidade.

Estudos sobre a relação entre a vinculação aos pais em crianças e jovens que foram vítimas de maus-tratos (Vivolo-Kantor, DeGue, DiLillo, & Cuadra, 2013) indicaram que

crianças negligenciadas revelavam um tipo de vinculação desorganizada que se manifestava regularmente por um comportamento disfuncional, quando confrontadas com vicissitudes da vida (Main & Soloman, 1990).

Pesquisas desenvolvidas por Vivolo-Kantor et al. (2013) produziram evidências de que o abuso emocional durante a infância (Child Emotional Abuse ou CEA) poderá estar associado ao desenvolvimento de sentimentos hostis e desviantes dirigidos às mulheres, deixando esses homens em risco de se engajarem na perpetração de violência sexual.

White, McMullin, Swartout, Sechrist e Gollehon (2008) verificaram que enquanto ainda crianças, os homens perpetradores de agressão física e sexual, tinham testemunhado pessoalmente mais violência doméstica e/ou tinham sido vítimas de mais punição física parental, do que homens não agressores (física ou sexualmente).

Mais de 25 estudos associaram a HDM como um constructo de atitudes na perpetuação da Violência Sexual (S.V.) (Abbey, McAuslan, Zawacki, Clinton, & Buck, 2001; DeGue & DiLillo, 2004; DeGue, DiLillo, & Scalora, 2010; Farr, Brown & Beckett, 2004; Vivolo-Kantor et al., 2013).

Pesquisas que analisaram diferentes populações (universidade, comunidade, ensino médio e infratores sexuais) revelaram que os homens que tinham sido sujeitos a diferentes formas de maus-tratos durante a infância (i.e. abuso emocional, sexual, físico ou negligência), revelavam maior propensão a comportamentos de perpetuação de violência sexual do que os homens que não tinham sido expostos a tais experiências (Borowsky, Hogan, & Ireland, 1997; Jonson-Reid & Way, 2001; Lee, Jackson, Pattison & Ward, 2002; Fineran & Boolen, 2006; Ronis & Borduin, 2007; Zurbriggen, Gobin, & Freyd, 2010).

Estudos levados a cabo por Forbes, Adams-Curtis e White (2004), apontaram a HDM como o preditor mais forte de violência sexual, mesmo depois de avaliadas outras atitudes consideradas fatores de risco, como por exemplo a aceitação do mito da violação e o sexismo.

Estes resultados foram corroborados por Vivolo-Kantor et al. (2013), cujos estudos demonstraram que a HDM é um forte preditor de violência sexual.

Greene e Davis (2011) estudaram uma amostra comunitária e descobriram que os homens com níveis mais elevados de hostilidade (definida como aceitação do mito da violação, dominação sexual, misoginia e crenças adversárias no que respeita à natureza das relações heterossexuais) foram aqueles que revelaram taxas mais elevadas de violência sexual.

Cohen et al. (1977), Groth & Birnbaum, (1980), Groth et al., (1977), Karpman, (1954); Macdonald, (1971) e Rada, (1978) cit. por Check (1984), sugeriram que a HDM entre

violadores poderia ser o resultado de uma vida de rejeição, crueldade, dominação, super proteção e sedução sexual pelas figuras femininas importantes durante a infância do violador.

A pesquisa de Hudson & Ward (1997) indicou que os homens praticantes de violência sexual, com um tipo de vinculação parental onde o medo predominava, revelavam um nível significativamente superior de HDM, assim como, homens com tipo de vinculação parental assente ambos no medo e abandono evidenciavam níveis de raiva mais elevados (Hudson & Ward, 2007).

Embora a negligência parental possa ser um fator de risco na construção da HDM, outras alternativas devem ser avaliadas, que permitam explorar outras variáveis envolvidas na sua construção.

2. Articulando a Hostilidade Masculina, Agressão e violência

Buss (1961) e Kaufman (1970) consideram a violência como o hábito ou propensão comportamental para conceber atos agressivos. A hostilidade, por outro lado, é segundo estes autores mais uma atitude ou disposição pessoal intrínseca e permanente em relação aos outros, algo que pode ser acompanhado, ou não, por um comportamento agressivo.

Assim, um indivíduo pode ter um temperamento excessivamente hostil ao longo da sua vida, e no entanto, nunca ter fisicamente agredido alguém (Check, 1984).

As pesquisas de Burt (1980) e de Check e Malamuth (1983) verificaram que os homens envolvidos em violência sexual e física contra mulheres, viam a violência interpessoal como resposta legítima a crenças sexuais contrárias à sua, e concordavam com o uso da força contra as mulheres.

Segundo Ray & Gold (1996), corroborados por Murnen, Wright e Kalunzy (2002), os fatores associados às normas de género masculino (NGM), preponderantes à agressividade e violência são múltiplos e variados, incluindo as crenças cognitivas numa ideologia masculina tradicional.

De acordo com uma perspectiva teórica feminista, as raízes da masculinidade tradicional são compreendidas através das (NGM) (Mahalik et al., 2003), as quais servem como diretrizes ideológicas que guiam e condicionam o comportamento dos homens (Mikorski & Szymanski, 2017).

Estas normas, aprendidas no decorrer do processo típico de socialização, indicam qual o comportamento adequado e inadequado, como agir em situações sociais, promovem a observação do comportamento de outros homens (conformados às NGM), principalmente

homens com poder, e como se relacionar nas relações com os outros (Adler, Kless, & Adler, 1992; Witt, 2000).

Culturalmente, as NGM podem ser compreendidas como mediadores das expressões de raiva e agressividade (David & Brannon, 1976; Long, 1987) e contribuírem para a manifestação de comportamentos violentos, agindo de forma a conter determinadas expressões emocionais, afetando a capacidade de suportar sentimentos de vulnerabilidade (Long, 1987). De modo a suportar estes sentimentos, alguns homens recorrem à violência como estratégia de adequação das suas emoções, convertendo emoções negativas e dolorosas em expressões de raiva e agressividade, evitando manifestações percebidas como femininas e não apropriadas para homens (Long, 1987).

Os homens tendem a valorizar e defender a sua masculinidade, o que pode desencadear ramificações negativas na forma de comportamentos destrutivos e atitudes sexistas que promovem desigualdades sociais (Thompson, Pleck & Ferrera, 1992; Vandello & Bosson, 2013; Whorley & Addis, 2006).

A correlação entre masculinidade e violência pode ser parcialmente compreendida numa perspetiva de aprendizagem social, através da qual os *media*, expectativas culturais, e comportamentos agressivos das figuras masculinas adultas, influem nos comportamentos masculinos associados à raiva e hostilidade (Jakupcak, Tull, & Roemer, 2005).

Por exemplo, o estudo de Peter e Valkenburg, (2009), revelou que rapazes adolescentes que consumiam elevada quantidade de pornografia dos *media*, tendiam a deter a crença de que as mulheres eram objetos sexuais. Tais comportamentos tendem a representar uma maior aderência às NGM nas suas relações com mulheres (Ward, Vandembosch, & Eggermont 2015).

O estudo de Wright e Tokunaga (2016) revelou que homens que viam frequentemente pornografia, tendiam a ver as mulheres como um objeto, o que por sua vez previa o envolvimento em comportamentos de violência contra estas.

Investigação recente tem revelado que, a auto representação nas redes sociais, tem reforçado e aumentado a manifestação das normas tradicionais de género masculino, assim como a objetificação sexual da mulher (Manago, Ward, Lemm, Reed, & Seabrook, 2015).

De modo a aumentar o seu estatuto, alguns homens têm usado as redes sociais, envolvendo-se em comportamentos de objetificação sexual da mulher, e assim afirmarem as suas convicções de género tradicionais (Mikorski & Szymanski, 2017).

Adicionalmente, a associação a grupos de pares que cultivam um comportamento abusivo e de objetificação das mulheres, poderá ter um efeito na probabilidade do homem se

engajar neste comportamento (Mikorski & Szymanski, 2017). Estudos demonstraram que grupos de pares onde existiam abusos contra as mulheres (i.e. amigos que desprezavam ou maltratavam as namoradas, usavam força sexual contra mulheres, agrediam as namoradas), estes estavam positivamente correlacionados com o assalto sexual (DeKeseredy & Kelly, 1995). Resultados similares foram encontrados nos estudos de (Sears, Byers, & Price, 2007), com grupos de pares (adolescentes) que abusavam sexualmente das mulheres nos seus encontros amorosos (*dating*). Um estudo longitudinal com grupos de pares com hostilidade masculina e aprovação do uso da força para obtenção de relações sexuais com mulheres (combinação de HTW e aceitação de assalto sexual), previu uma trajetória marcada pelo envolvimento em violência sexual tanto no início como no final do estudo (Thompson, Swartout, & Koss, 2013). Os grupos de pares atuam como uma das várias influências no processo de desenvolvimento do papel de gênero e expressão da identidade (Plummer, 2001), pelo que, a associação a um grupo de pares com comportamentos abusivos para com as mulheres, poderá afetar a relação entre a adesão às normas de gênero tradicionais e à objetificação sexual da mulher (Mikorski & Szymanski, 2017).

Investigação levada a cabo por (Santana, Raj, Decker, La Marche, & Silverman, 2006), demonstrou que os homens com maior propensão a atos de violência contra as suas parceiras íntimas eram aqueles com características de masculinidade tradicional mais acentuadas, nomeadamente híper-sexualidade, dureza, antifeminidade, e dominância. Do mesmo modo que, homens com múltiplas parceiras sexuais, sexo impessoal, e aceitação da violência em geral, tem sido associado a um aumento da violência sexual contra mulheres (Tharp et al., 2013).

Homens avaliados com elevada hostilidade têm medo da rejeição e sentem-se ansiosos nas suas relações com as mulheres (Malamuth, Heavey, Lintz, & Barnes, 1995). Isto desencadeia uma sensação de insegurança e um posicionamento defensivo, manifestado através da HDM, pelo desejo de rebaixar as mulheres assim controlando-as e retirando-lhes poder (Malamuth, et al., 1995). O uso da violência contra as mulheres pode ser um meio de reduzir a ansiedade de ser rejeitado, ao capacitar o homem a controlar e dominar (Malamuth, Feshbach, & Jaffe, 1977).

Estudos anteriores sobre a perpetuação da agressão ou violência sexual contra mulheres centraram-se no papel da hostilidade e hegemonia masculina dirigida à mulher.

O estudo realizado por Check (1984), no contexto da sua dissertação de doutoramento sobre a HDM, resultou no desenvolvimento e validação da Escala HDM. Esta tornou-se no

instrumento de referência na medição dos níveis de hostilidade dirigida às mulheres, sendo utilizada como escala de medição por vários autores desde então.

Nesse estudo, a HDM correlacionou-se positivamente com a intensidade da violência contra a parceira feminina.

Estudos recentes têm demonstrado que a hostilidade masculina está consistentemente ligada à perpetuação da violência sexual (McDermott, Kilmartin, McKelvey, & Kridel, 2015; Murnen, Wright, & Kaluzny, 2002).

A hostilidade masculina enquanto traço de personalidade combina o desejo de controlar e dominar as mulheres com um sentimento defensivo internalizado, acompanhado de insegurança e desconfiança geral dirigido contra estas (Malamuth & Thornhill, 1994), assim como em casos mais extremos, suspeita, raiva e má vontade explícita para com as mulheres (Lonsway & Fitzgerald, 1995; Malamuth, et al., 1995).

As atitudes hostis e agressivas dirigidas às mulheres envolvem um certo grau de controle, intencionalidade e premeditação, o que sugere que estão associadas a uma aceitação mais ampla da violência contra estas (Crossman, 1995).

Alguns homens sentem-se ameaçados pelas mulheres, especialmente mulheres que detenham uma posição de autoridade sobre eles, e uma das respostas comuns é o recorrer a alguma forma de dominação (sobre as mulheres para evitarem sentirem-se controlados por elas). Essa dominação pode variar de manipulação sexual ou não-sexual, coação verbal ou física, ou agressividade em relação às mulheres em geral (Anderson & Anderson, 2008).

Por exemplo, homens com HDM demonstrariam o seu poder sobre as mulheres recusando-se a usar preservativo durante o ato sexual, apesar do pedido da sua parceira nesse sentido (Wegner, R., et al., 2016), deixando a mulher vulnerável, submetida a um ato indesejado e ao risco de possíveis infecções. O estudo de Wegner et al. (2016) revelou que a HDM é um fator de risco quanto às negociações sobre o uso de preservativo entre parceiros sexuais.

Estes resultados caem em linha com o estudo de Check, Malamuth, Elias e Barton (1985) cujos resultados indicaram que os homens com *score* elevado de HTW acreditavam que homens e mulheres eram acima de tudo adversários nas relacionamentos; admitiam recorrer ao uso da coerção para forçar a mulher a ter relações sexuais; e demonstravam sentir irritação e raiva perante a rejeição feminina.

Os resultados do estudo de Crossman (1995) indicaram que os homens com *score* elevado na Escala HDM demonstraram frequentemente comportamentos desviantes e antissociais, fraca capacidade para avaliar, regularmente ficavam zangados, e experienciavam

raiva intensa. A intensidade da raiva seria variável em função da percepção do grau de injustiça praticada contra o próprio e da frustração imposta aos seus objetivos, resultando em homens narcisicos, hostis, agressivos e frustrados. Estes homens seriam tendencialmente introvertidos, facilmente frustrados, evitariam relacionamentos profundos, demonstrariam sentimentos de insatisfação e incompetência, temperamento (humor) explosivo, habitualmente seguidos de excessos de raiva mesmo quando sujeitos às mínimas provocações. Estas características são fortes indicadoras de HDM (Crossman, 1995).

Estes resultados corroboraram os dados de Calborn et al. (1986) que indicaram que os homens sexualmente coercivos, justificavam o uso da violência contra as mulheres, e demonstravam raiva e a expressão da mesma como traços de personalidade. Nestes casos, a violência sexual parece funcionar para estes homens como uma validação de que estão a agir em conformidade às suas expectativas de masculinidade (Malamuth, Lintz, Heavey, & Barnes, 1995).

A raiva é muitas vezes definida como um humor abstrato com resposta análoga à excitação fisiológica (Eckhardt & Deffenbacher, 1995), e pode ser expressa de forma direta e aberta, ou indireta e de forma passiva-agressiva (Zosky, 2016), resultando em violência emocional, verbal e/ou física (Tolman & Saunders, 1988).

Apesar dos sentimentos de raiva e hostilidade serem geralmente articulados reciprocamente em estudos empíricos sobre violência doméstica, eles são na realidade experiências independentes embora interligadas (Eckhardt, Barbour, & Stuart, 1997). Não obstante a hostilidade ser um constructo comportamental assente em crenças, distinto da raiva, são fenómenos interrelacionados, em movimento paralelo, podendo ambos progredir para a violência (Zosky, 2016).

Segundo Dutton e Golant (1995) a vergonha é uma variável preponderante na perpetuação da violência dirigida às mulheres. É vista como consequência da autoavaliação negativa e do sentimento de ameaça externa à própria identidade (Lewis, 1971; Tangney, 1990), resultado da experiência de reações emocionais de vulnerabilidade (Jakupcak, Tull, & Roemer, 2005).

Alguns homens recorrem à agressividade e violência como estratégia para evitar sentimentos de vergonha (Dutton, 1998; Gilligan, 1996) e à hostilidade explícita para subverter emoções associadas à vulnerabilidade e vergonha (Jakupcak et al., 2005). Ou seja, numa tentativa de eliminar as emoções de medo e vergonha, os homens ajustam as suas experiências emocionais usando a hostilidade, agressão e violência (Dutton, 1998; Gillian, 1996; Long, 1987; O'Neil & Harway, 1997). Deste modo, parece que em vez de moderarem e

tolerarem o sentimento de vergonha, alguns homens tendem a evitá-lo, utilizando a hostilidade, agressão e violência para com as mulheres.

O padrão parece ser o recurso à violência e hostilidade para suprimir a sua vulnerabilidade emocional, em particular em relacionamentos com mulheres percebidas como mais poderosas, usando a hostilidade e violência empregues com o objetivo de afirmar o seu poder, em termos de domínio e controlo sobre elas (O'Neil & Harway, 1997).

A investigação de Jakupcak (2003) indica que o medo dos homens em relação às emoções em geral (apesar dos elementos de masculinidade) – incluindo emoções como a satisfação e felicidade – estão positivamente associados a autorrelatos masculinos de agressão e violência perpetrados no contexto das relações amorosas.

A pesquisa posterior de Jakupcak, Tull e Roemer (2005) pôs em evidência resultados semelhantes relativamente ao medo das emoções nos homens ser um preditor de raiva exteriorizada, hostilidade e agressão. Estas descobertas sugerem que, embora certos elementos de masculinidade possam ser relevantes para a compreensão da hostilidade e agressividade masculina, esse relacionamento é parcialmente justificado pelo receio dos homens em relação às emoções (Jakupcak, et al., 2005).

A vergonha parece ser uma experiência emocional de reação aos próprios sentimentos que pode conduzir a um medo e evitamento das próprias emoções. Por seu lado o desejo de fugir às emoções está correlacionado com as manifestações de hostilidade e agressão (Jakupcak, et al., 2005).

É pertinente considerar que a demonstração de características e comportamentos tidos como femininos pode representar para alguns homens uma perda de identidade masculina, enquanto o recurso a uma atitude de dominação e agressividade poderá promover uma convicção de que eles são “verdadeiros homens” (Malamuth, Heavey, Linz, & Barnes, 1995).

Assim, parece razoável supor-se que um homem que detém crenças antifeministas e patriarcais, ao encontrar resistência a essas crenças, ou sentir-se alvo de objeção por parte das mulheres, sinta HDM. Consequentemente, é aceitável supor que, se um homem acreditar que não tem direito ao poder e controlo sobre a mulher, a probabilidade de recurso a manifestações de hostilidade e raiva enquanto estratégia pessoal de poder e controlo será diminuta ou inexistente (Zosky, 2016).

3. Definição da Hostilidade Dirigida às Mulheres (HDM)

Buss (1961) propõe que a hostilidade seja definida, em termos gerais, como uma construção cognitiva ou atitudinal que abarca a aversão e avaliações negativas de outra pessoa.

Check (1988) define a hostilidade como um traço de personalidade e como um estado, que pode ser experienciado como um sentimento e não apenas expresso numa manifestação exteriorizada como a agressão. Check (1985) conjecturou que a Escala HDM mede as mesmas características que outros testes de hostilidade geral medem, com a especificidade de que esta é canalizada diretamente às mulheres.

Check (1988) e Buss (1961) concordam sobre a definição do HDM como sendo um sentimento "tipicamente implícito, que consiste no ruminar sobre agressões, rejeições e privações passadas vindas de mulheres, e que pode ser inferido quando a agressão contra uma mulher é motivada por um desejo de magoar e não pelo desejo de obter algum reforço extrínseco".

Malamuth (1995), considera a hostilidade masculina como uma síndrome, que se manifesta num perfil de personalidade que inclui atitudes e emoções inter-relacionadas, que podem ser agrupadas em dois componentes primários: o primeiro consiste em sentimentos hostis, desconfiança e insegurança em relação às pessoas, em particular as mulheres, acompanhadas de misoginia (ódio à mulher), tais como a crença de que as vítimas de estupro secretamente desejam ser vítimas; o segundo componente consiste num desejo de controlar e dominar as mulheres alimentado pela excitação sexual e pela gratificação que tal dominação produz. O autor considera que os homens que têm este síndrome, regularmente também possuem uma sensação de insegurança perante a sua masculinidade e são hipersensíveis à rejeição pelas mulheres.

Segundo Glick e Fiske (1996), a HDM consiste num traço de personalidade ou conjunto de atitudes que é caracterizado por preconceitos e visões misóginas em relação às mulheres, manifestando-se em várias dimensões, tais como nos relacionamentos, no trabalho, nos papéis de género e na percepção de competências/capacidades femininas.

Mais recentemente, Anderson e Anderson (2008) contextualizaram a hostilidade masculina como um perfil de personalidade de homens que sentem hostilidade e desconfiança para com as mulheres e se sentem inseguros em relação a elas. Os referidos autores definiram a HDM como um construto independente da hostilidade geral, pela sua capacidade de prever um aumento de agressividade masculina contra as mulheres e diminuição de agressão

masculina contra homens – ou seja, os autores propõem que a HDM explicitamente predita agressividade dirigida a estas (Anderson & Anderson, 2008).

4. Revisão de estudos existentes com recurso à escala HTW

Um estudo realizado por Tharp et al. (2013) composto por uma amostra de 121 homens heterossexuais, inscritos num programa de tratamento de abuso de álcool, realizou uma análise de dominância para examinar quais os principais fatores preditores de cada tipo de perpetração de violência contra parceiros íntimos (Intimate Partner Violence - IPV): a hostilidade, a impulsividade, ou desregulação emocional ("dificuldades em gerir as emoções quando confrontados com emoções negativas ou ansiedade."). Dos três construtos avaliados, a análise revelou que a hostilidade era o melhor preditor da perpetração de violência (IPV) física, e a impulsividade era o melhor preditor de violência (IPV) sexual e psicológica.

Elmqvist, et al. (2014) realizaram um estudo nos EUA para determinar se a hostilidade funcionava como mediador da relação entre a Família de Origem (Family of Origin Violence-FOV) e a perpetração de violência contra parceiros íntimos (IPV). O estudo recorreu a uma amostra de 302 homens, detidos por violência doméstica. Os resultados revelaram que a hostilidade mediou completamente tanto a relação pai FOV-e-participante e a violência IPV física e psicológica, como a relação entre mãe FOV-e-participante e a violência IPV física. Os resultados indicaram que a hostilidade mediou a relação entre o experienciar e testemunhar FOV e a violência IPV física; e que mediou parcialmente a relação entre FOV e a agressão psicológica.

Em 2016, Russell e King conduziram um estudo nos EUA, abrangendo uma amostra de 489 homens adultos, que visava analisar o “sadismo quotidiano” e o vínculo parental da infância como preditores de agressão sexual masculina e coerção contra mulheres. Os resultados deste estudo indicaram que o sadismo físico é um forte indicador de violência sexual, e que o sadismo casual e vínculo maternal ansioso são um preditor de HDM. Neste estudo a HDM não se revelou como preditor direto da violência sexual, embora tenha revelado uma forte associação com a aceitação do mito da violação, que tem uma conotação direta com o recurso à violência.

Um estudo de Vivolo-Kantor et al. (2013) procurou explorar a relação entre Abuso Emocional em Criança (CEA) e Violência Sexual (SV), avaliando o papel mediador da HDM numa amostra de 360 homens adultos americanos. Os resultados do estudo indicaram que o

CEA por si só medeia tanto a HDM como a SV, e que o HDM é um preditor de SV. No entanto, quando os valores da HDM são usados como controlo, a correlação entre o CEA e SV não foi significativa. O estudo sugere assim que a experiência de CEA pode contribuir para o desenvolvimento de HDM e consequentemente potenciar o risco de SV.

Os resultados do estudo de Jakupck et al. (2005) sobre uma amostra de 204 homens, nos EUA, sugere, mesmo tendo em consideração fatores de masculinidade, que o medo das emoções percebido pelos homens se revelou como um preditor significativo de hostilidade aberta, raiva (reduzida) e “gestão de raiva”. Além disso, o medo dos homens em relação às emoções previu um valor significativo na variação da raiva masculina, enquanto a influência da masculinidade e da propensão à vergonha não o fizeram.

Anderson & Anderson (2008) realizaram dois estudos para avaliar os efeitos das diferenças individuais identificadas pelo Modelo de Confluência de Agressão Sexual dirigidas às mulheres (Malamuth et al., 1995) e o Modelo de Agressão Geral (Anderson & Bushman, 2002) como preditores de agressão homem contra mulher.

Sendo que o Modelo de Confluência de Agressão Sexual teoriza que os agressores sexuais podem ser identificados por dois conjuntos de características: masculinidade hostil e sexo impessoal. O Modelo de Agressão Geral ilustra como fatores pessoais e circunstanciais podem de forma independente ou interactivamente provocar um aumento nos sentimentos e pensamentos agressivos ou excitação fisiológica; o modelo procura demonstrar pela maneira como estas expressões são manifestadas a partir de estruturas cognitivas (i.e., guiões e esquemas) por seu turno enraizadas em processos de aprendizagem social.

O primeiro estudo, um estudo correlacional com 202 participantes do sexo masculino, demonstrou que a masculinidade hostil previa agressão sexual, independentemente da agressão não-sexual contra mulheres, e por seu lado predita pela tendência pela hostilidade geral, com enfoque em estereótipos de género e atitudes violentas, contra as mulheres.

Adicionalmente, o HDM foi um preditor independente da agressão sexual e não-sexual dirigida às mulheres - para além dos efeitos das atitudes comuns contra a violência e os níveis comuns de hostilidade e agressão.

O segundo estudo, um estudo experimental que incluiu os mesmos 202 participantes do sexo masculino, demonstrou que, sob provocação intensa, um resultado elevado na escala HTW previa o aumento da agressão masculina não-sexual contra as mulheres e pequenas diminuições na agressão masculina contra homens. Este efeito continuou a apresentar-se como significativo mesmo após o controle de atitudes comuns em relação à violência e níveis gerais de hostilidade e agressão. Estes resultados indicaram que os homens com elevada

HDM fazem das mulheres alvos preferenciais e que a sua agressividade em relação a estas é generalizada além dos parâmetros da violência sexual.

Wegner et al. (2016) dirigiram um estudo nos EUA com uma amostra composta por 296 homens adultos, procurando analisar se os homens intoxicados (álcool) com níveis elevados na Escala HTW revelariam intenções de usar a resistência coerciva ao uso do preservativo (Coercive Condom Use Resistance ou CUR). Os resultados do estudo revelaram que os homens com níveis elevados de HDM demonstraram intenções de CUR mais fortes quando interpelados indiretamente - estivessem eles sóbrios ou intoxicados - assim como depois de um pedido de preservativo direto quando intoxicados.

Além disso, os homens com níveis elevados na HTW revelaram uma intenção CUR mais fraca quando sóbrios após um pedido de uso de preservativo direto ou insistente.

MÉTODO

Com a finalidade de analisar a veracidade do modelo de investigação anteriormente proposto foi realizado um estudo empírico, cujas condições se descrevem seguidamente.

1. Delineamento

A presente investigação segue uma abordagem empírica, comparativa e correlacional, de caráter exploratório entre variáveis (D' Oliveira, 2007), onde se pretende explorar a prevalência da hostilidade masculina dirigida às mulheres.

2. Participantes

Neste estudo, 479 sujeitos, de género masculino foram convidados a responder a uma escala de medição da Hostilidade Dirigida às Mulheres, dos quais 66 preencheram em formato papel e 413 em formato *online*.

Utilizou-se a escala de HDM, composta por 30 itens, com resposta dicotómica nominal, em formato Verdadeiro ou Falso, a qual foi disponibilizada para preenchimento aos participantes, em versão inglesa para os participantes Não Portugueses, e em versão portuguesa para os participantes Portugueses.

A idade dos participantes deste estudo varia entre os 21 e 66 anos, com uma média de 43.38 anos e um desvio padrão de 6.25. Do total dos participantes 328 (68.5%) são de nacionalidade Portuguesa, e 151 (31.5%) são de nacionalidade Não Portuguesa. Entre os participantes de nacionalidade Não Portuguesa participaram 6 (1.3%) alemães; 1 (0,2%) Belga; 1 (0,2%) Brasileiro; 1 (0,2%) Congolês; 30 (6,3%) Espanhóis; 11 (2,3%) Franceses; 5 Gregos (1%); 62 (12,9%) Ingleses; 29 (6,1%) Italianos; 1 (0,2%) Kuwaitiano; 1 (0,2%) Mexicano; 1 (0,2%) Salvadorenho; e 2 (0,41) Senegaleses.

Quanto ao tipo de local de residência dos participantes, 381 (79.5%) residem em meio urbano; 65 (13,6%) em meio semiurbano; e 33 (6,9%) em meio rural; entre os quais 82.9% dos Portugueses residem em meio Urbano, 11.9% em meio Semiurbano e 5.2% em meio rural; e dos participantes Não Portugueses, 72.2% residem em meio Urbano, 17.2% residem em meio semiurbano e 10.6% residem em meio rural.

Relativamente às habilitações literárias do total dos participantes 14 (2,9%) possuem o 3º ciclo; 41 (8,6%) o ensino secundário; 101 (21,1%) o curso técnico/profissional; 243 (50.8%) o curso de Licenciatura; e 80 (16,7%) o mestrado ou superior; de entre os quais quanto aos participantes Portugueses cerca de 2.7% têm o terceiro ciclo, 12.2% o ensino secundário, 17.7% o curso técnico/ profissional, 49.1% Licenciatura e 18.3% o mestrado ou

superior; e quanto aos participantes Não Portugueses 3.3% têm o terceiro ciclo, 0.7% o ensino secundário, 28.5% um curso técnico/ profissional, 54% Licenciatura, e 13.2% o mestrado ou superior.

Quanto ao Estado Civil do total dos participantes, 55 (11,5%) são solteiros; 307 (64,1%) são casados; 30 (6,3%) estão em união de facto; e 87 (18,2%) estão divorciados; dos quais entre os participantes Portugueses 13.4% são solteiros, 61.9% casados, 6.1% vivem em união de facto e 18.6% são divorciados; e quanto aos participantes não portugueses 7.3% são solteiros, 68.9% casados, 6.6% vivem em união de facto e 17.2% são divorciados.

Relativamente ao rendimento anual dos participantes, 38 (7,9%) recebem até 10 000 euros; 54 (11,3%) recebem entre 10 001 e 20 000 euros; 219 (45,7%) recebem entre 20 001 a 40 000 euros; 155 (32,4%) recebem entre 40 001 e 80 000 euros; e 13 (2,7%) recebem superior a 80 000 euros. De entre os participantes Portugueses 10.1% têm um rendimento anual até 10000 euros, 14.3% entre 10001 e 20000 euros, 50.6% entre 20001 e 40000 euros, 22.6% entre 40001 e 80000 euros e 2.4% mais do que 80000; e entre os participantes Não Portugueses 3.3% têm um rendimento anual até 10000 euros, 4.6% entre 10001 e 20000 euros, 35.1% entre 20001 e 40000 euros, 53.6% entre 40001 e 80000 euros e 3.3% mais do que 80000.

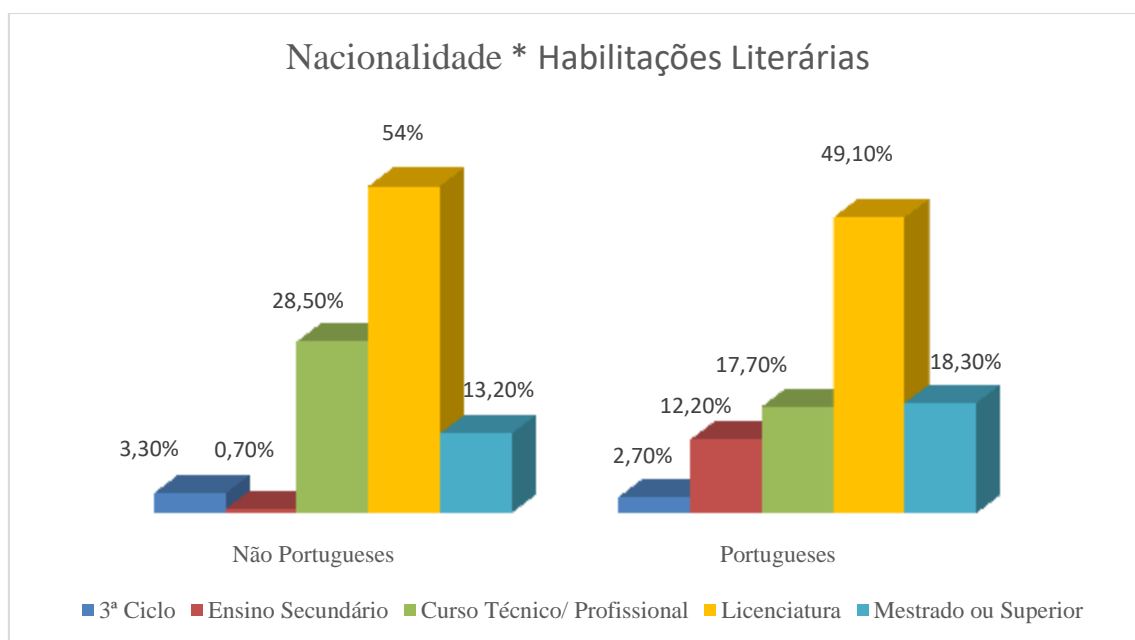


Figura 1 - Distribuição da Nacionalidade x Habilitações Literárias

Ao analisarmos a Nacionalidade x Habilitações Literárias, verificamos que em relação aos participantes Portugueses 2.7% têm o Terceiro ciclo, 12.2% Ensino Secundário, 17.7%

Curso Técnico/ Profissional, 49.1% Licenciatura e 18.3% Mestrado ou Superior. No que respeita aos participantes Não Portugueses 3.3% têm o 3º ciclo, 0.7% Ensino Secundário, 28.5% Curso Técnico/ Profissional, 54% Licenciatura, e 13.2% Mestrado ou Superior.

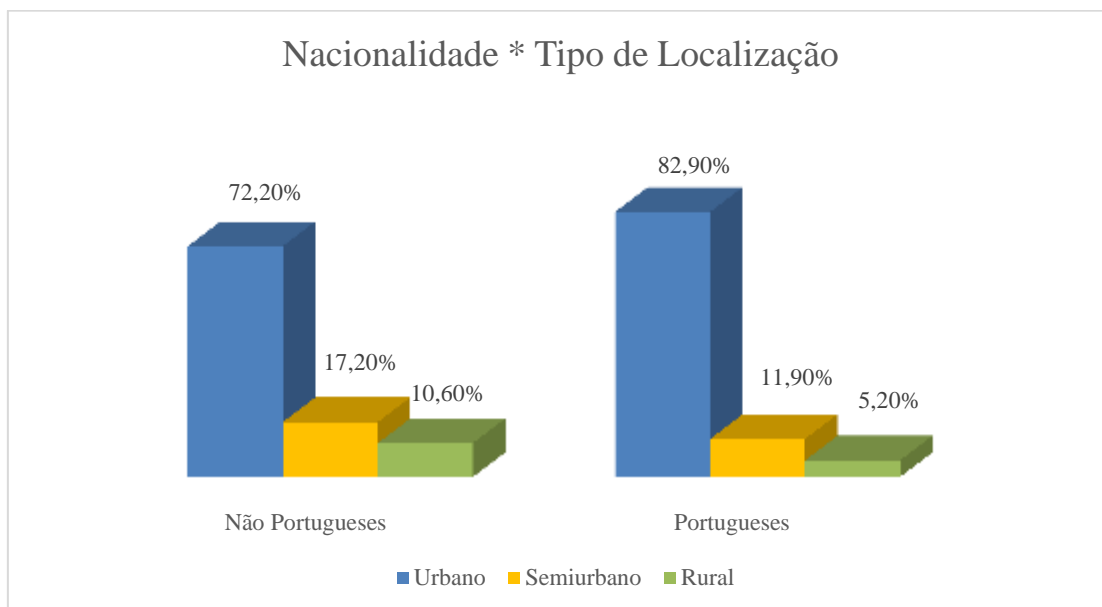


Figura 2. Distribuição da Nacionalidade x Tipo de Localização

Ao analisamos a Nacionalidade x Tipo de Localização, constatámos que entre os participantes Portugueses 82.9% residem em meio Urbano, 11.9% em meio Semiurbano e 5.2% em meio Rural. Quanto aos participantes Não Portugueses 72.2% residem em meio Urbano, 17.2% em meio Semiurbano e 10.6% em meio Rural.

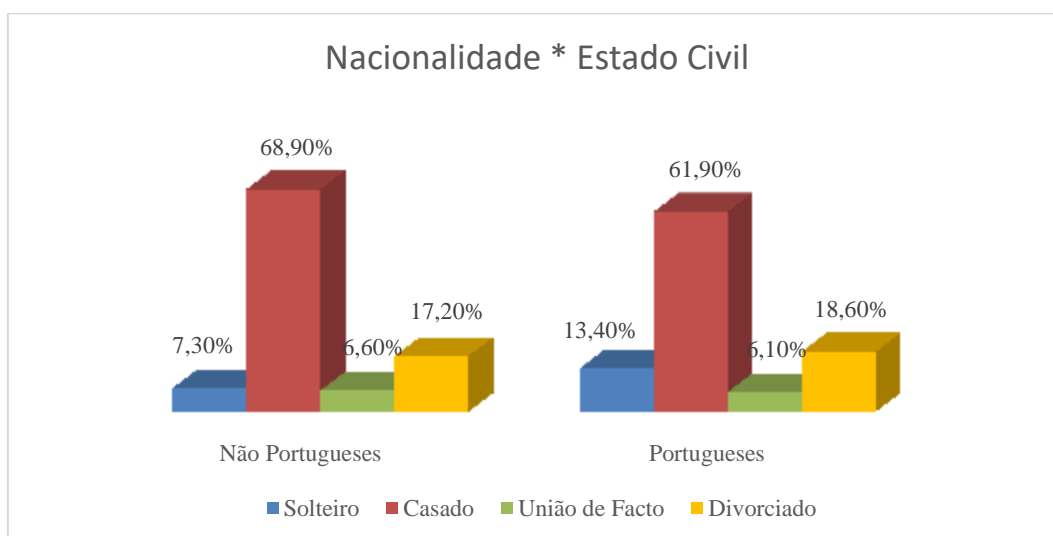


Figura 3. Distribuição da Nacionalidade x Estado Civil

Ao analisarmos a Nacionalidade x Estado Civil, verificámos que entre os participantes Portugueses, 13.4% são solteiros, 61.9% são casados, 6.1% vivem em união de facto e 18.6% são divorciados. Quanto aos participantes Não Portugueses, 7.3% são solteiros, 68.9% casados, 6.6% vivem em união de facto e 17.2% são divorciados.

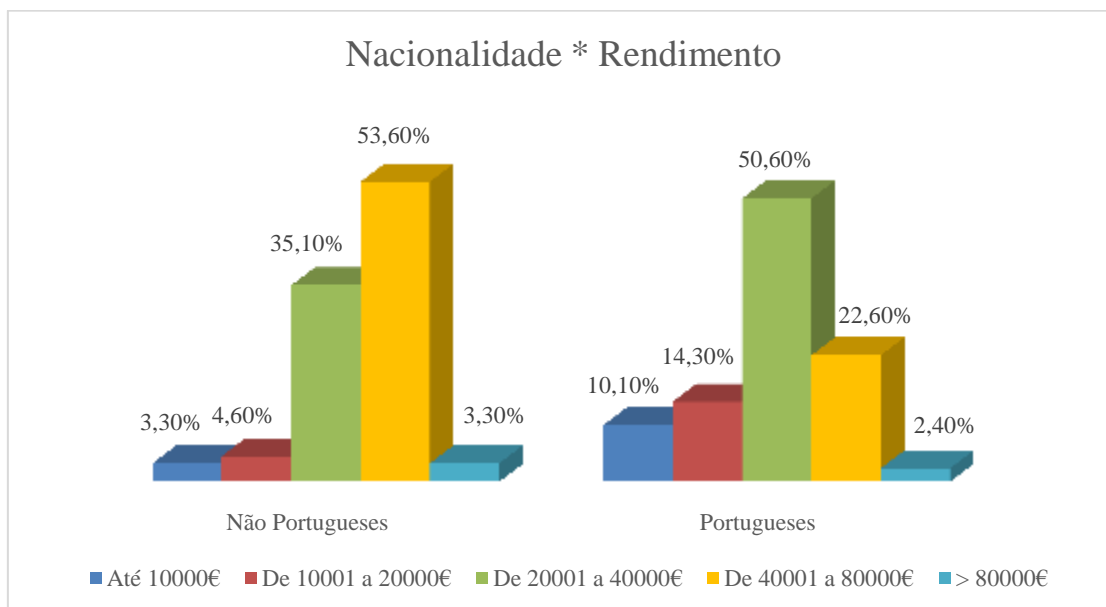


Figura 4. Distribuição da Nacionalidade x Rendimento Anual

Ao analisarmos a Nacionalidade x Rendimento Anual, verificámos que entre os participantes Portugueses 10.1% têm um Rendimento Anual até 10000 euros, 14.3% entre 10001 e 20000 euros, 50.6% entre 20001 e 40000 euros, 22.6% entre 40001 e 80000 euros e 2.4% mais do que 80000. Entre os participantes Não Portugueses 3.3% têm um Rendimento Anual até 10000 euros, 4.6% entre 10001 e 20000 euros, 35.1% entre 20001 e 40000 euros, 53.6% entre 40001 e 80000 euros e 3.3% mais do que 80000.

3. Medidas

O presente estudo utilizou a Escala de Hostilidade Dirigida às Mulheres (*HTW*) (Check, 1984), composta por 30 itens, que avaliam o grau de hostilidade masculina dirigida às mulheres (e.g. irritabilidade e desconfiança em relação às mulheres), num formato de resposta dicotómica nominal tipo verdadeiro-falso (e.g. É mais seguro não confiar nas mulheres; No fundo muitas mulheres são traíçoeriras; Sinto que muitas vezes as mulheres seduzem os homens só para os provocar ou magoar; As mulheres irritam-me muito mais do que elas imaginam). O total de pontuações possíveis para a referida escala varia de 0 a 30, com 3 graus

de hostilidade: reduzida/baixa; média; e elevada. A escala foi traduzida de Inglês para português, pelo que deve ser tido em conta que a tradução para um idioma diferente pode comprometer a construção inicial da medição da escala devido a alterações gramaticais e de significado das afirmações dos itens (Willis, DeMaio, & Harris-Kojetin, 1999). A tradução da sua versão inglesa foi realizada por dois profissionais da área, com elevado conhecimento da língua inglesa. Seguidamente foi feita a uniformização das traduções pelos autores. Quanto à retro tradução esta foi realizada por dois portugueses com elevado conhecimento da língua inglesa. A convergência das retro traduções com as originais na língua inglesa foi efectuada pelos autores.

Check (1985) relatou um coeficiente de consistência interna de 0,80 e uma confiabilidade test-retest de 0,83 para a escala *HTW*. No estudo vigente, a escala revelou possuir uma boa Consistência interna, com um alpha de Cronbach no valor de .85.

4. Procedimento

Colaboraram neste estudo, de forma voluntária, 479 participantes, sendo todos eles considerados nas subseqüentes análises estatísticas por reunirem as condições à participação neste estudo (serem do género masculino e terem idade igual ou superior a 21 anos). O processo de amostragem realizado foi o não probabilístico, de conveniência e intencional tipo snowball (Trochim, 2000).

O questionário que foi colocado *online* na plataforma Google *Docs*, continha informação sobre o objetivo do estudo, assim como o consentimento informado. Foi também expresso que seria garantido o anonimato e a confidencialidade das respostas. Compunham o questionário questões para caracterização da amostra e a escala da *HTW*. Os dados foram recolhidos entre Dezembro de 2016 e Outubro de 2017. Além da recolha de dados através da plataforma Google *Docs*, também se recolheram dados em formato papel. Para a recolha de dados em papel foram elaboradas duas cartas a duas organizações e após acordo da data, uma das investigadoras dirigiu-se às mesmas e recolheu os dados.

Para tratamento e análise dos dados recorreu-se ao programa *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS: Versão 24).

O primeiro passo foi testar a consistência interna do instrumento através do cálculo do *alpha de Cronbach*, sendo que o seu valor deve variar entre “0” e “1”, não assumindo valores negativos (Hill & Hill, 2002) e superior a .70 (Bryman & Cramer, 2003).

Seguidamente testaram-se as hipóteses formuladas neste estudo através de testes de comparações de médias e correlações de Pearson. Quanto aos testes de comparações de

médias, realizou-se o teste T-student sempre que a variável independente era composta por dois grupos, e a ANOVA One Way quando a mesma era composta por mais do que dois grupos. Sempre que não se verificaram os pressupostos da normalidade ou homogeneidade de variâncias recorreu-se aos testes não paramétricos de Mann-Whitney e Kruskal Wallis.

RESULTADOS

1. Estatística Descritiva dos Itens que compõem a escala

Tabela 1. Estatística Descritiva dos itens

Item	Verdadeiro	Falso
1. Sinto que muitas vezes as mulheres seduzem os homens só para os provocar ou magoar.	24.6%	75.4%
2. Sinto-me chateado com a mais ligeira crítica feita por uma mulher.	55.1%	44.9%
3. Não me incomoda muito quando as mulheres me importunam em relação aos meus defeitos.	65.1%	34.9%
4. Eu costumava pensar que a maioria das mulheres dizia a verdade, mas agora sei que não.	34%	66%
5. Se estiver disposto a lutar as mulheres não passarão por cima de mim.	83.9%	16.1%
6. Raramente estou em desacordo com as mulheres.	44.3%	55.7%
7. Poucas são as coisas que faço às mulheres das quais acabo por sentir remorsos.	88.9%	11.1%
8. É raro desconfiar de mulheres que são mais simpáticas do que eu esperava.	77.2%	22.8%
9. Existe um determinado número de mulheres que parece não gostar muito de mim.	39%	61%
10. Não concordo que as mulheres sejam sempre favorecidas	61%	39%
11. Não sinto que receba o que mereço nas minhas relações com as mulheres.	52.2%	47.8%
12. Geralmente não fico muito irritado quando uma mulher goza comigo.	39%	61%
13. As mulheres irritam-me muito mais do que elas imaginam.	17.5%	82.5%
14. Se eu permitisse que as mulheres vissem como me sinto, provavelmente iriam pensar que seria difícil viver comigo.	34.9%	65.1%
15. Ultimamente tenho estado mais irritado com as mulheres.	34.4%	65.6%
16. Acho que a maioria das mulheres não mentiria para levar a	47.2%	52.8%

sua avante.

17. É mais seguro não confiar nas mulheres.	36.3%	63.7%
18. No fundo, muitas mulheres são traiçoeiras.	41.8%	58.2%
19. Eu não sou facilmente irritado por uma mulher.	67.8%	32.2%
20. Frequentemente sinto que as mulheres pensam que não vivi de forma adequada.	37.4%	62.6%
21. Eu nunca tenho sentimentos hostis que mais tarde me façam sentir envergonhado.	87.5%	12.5%
22. Muitas vezes uma mulher parece preocupar-se, mas só o quer usar.	42.4%	57.6%
23. Estou certo de que recebo um tratamento injusto da parte das mulheres na minha vida.	50.1%	49.9%
24. Não me costumo questionar que razão oculta uma mulher poderá ter para fazer algo simpático por mim.	92.3%	7.7%
25. Se as mulheres não estivessem determinadas a criticar-me, eu teria tido mais sucesso nas minhas relações com elas.	27.1%	72.9%
26. Eu nunca tenho a sensação de que as mulheres troçam de mim	61.4%	38.6%
27. Muito poucas mulheres falam de mim nas minhas costas.	61.6%	38.4%
28. Quando penso no que me aconteceu, não sinto nenhum ressentimento para com as mulheres presentes na minha vida.	88.9%	11.1%
29. Eu nunca amuo quando uma mulher me chateia.	27.8%	72.2%
30. Tenho sido rejeitado por demasiadas mulheres na minha vida.	29.6%	70.4%

Da observação da tabela acima, apesar de se ter registado uma certa ambiguidade entre algumas respostas em algumas das afirmações incluídas na escala utilizada, foi clara a tendência de resposta dos participantes. Com base na análise descritiva dos itens que compõem a escala HDM, verificámos que a maior convergência de respostas dos participantes com percentagem acima dos 65%, se verificou nos itens 3,4,5,7,8,13,14,15,17,19,21,24,25,28,29,30.

Analisando os níveis HDM, obtidos neste estudo verificou-se que apenas 2 (0.4%) dos participantes revelaram HDM, reduzida, 161 (33.6%) revelaram HDM, média, e 316 (66%) revelaram HDM, *elevada* (Figura 1).

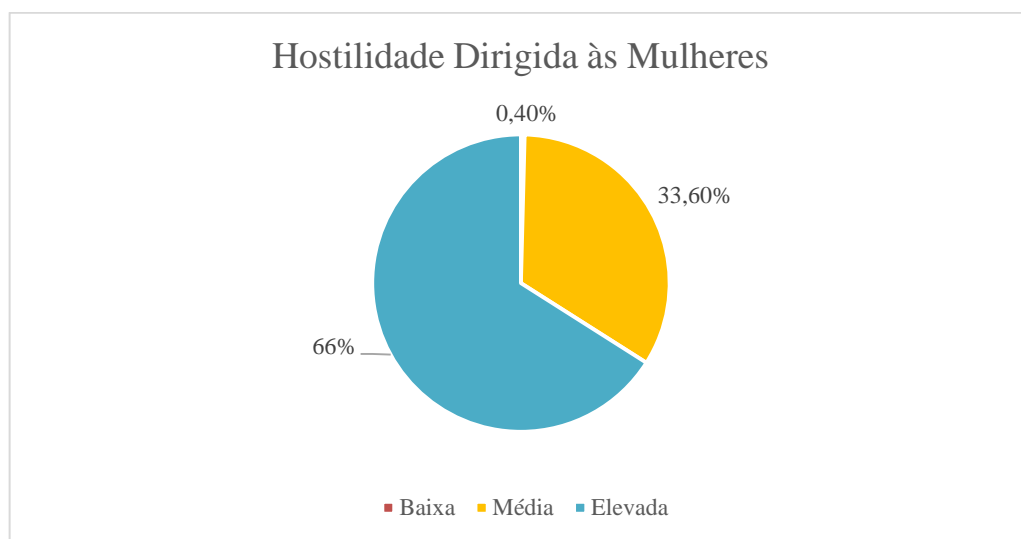


Figura 5. Grau de Hostilidade Masculina Dirigida às Mulheres

Ao compararmos os níveis de HDM, em função da nacionalidade dos participantes, verificámos que entre os participantes Não Portugueses, 18 (11.9%) revelaram níveis de HDM, média, e 133 (88.1%) revelaram níveis HDM, elevada. Já entre os participantes Portugueses 2 (0.6%) revelaram HDM, reduzida, 143 (43.6%) HDM, média e 183 (55.8%) HDM, elevada (Figura 2).

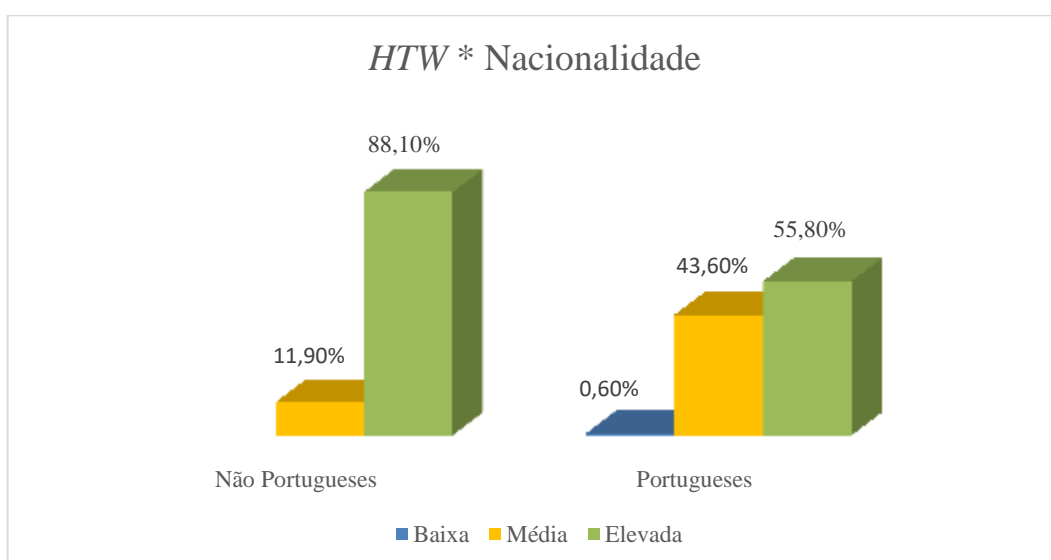


Figura 6. Níveis de Hostilidade em função da Nacionalidade

Ao analisarmos a HDM, em função das Habilitações literárias, verificámos que os níveis mais elevados de HDM, se manifestaram na categoria Curso Técnico/ Profissional

com uma percentagem de 72.3%, seguido da categoria 3º Ciclo com 71.4%, Ensino Secundário 70.7%, Licenciatura 67.10%, e por último Mestrado ou Superior com 51.3%. Foi no curso Curso Técnico/ Profissional que se verificou a maior diferença entre a HDM, média 26.7% e a HDM, elevada 72.3%, e a menor diferença no Mestrado ou superior com a HDM, média 47.5% e a HDM, elevada 51.3%. Quanto às manifestações mais baixas de HDM, estas apenas se verificaram no Mestrado ou Superior com 1.30%, e no Curso Técnico/ Profissional com 1%.

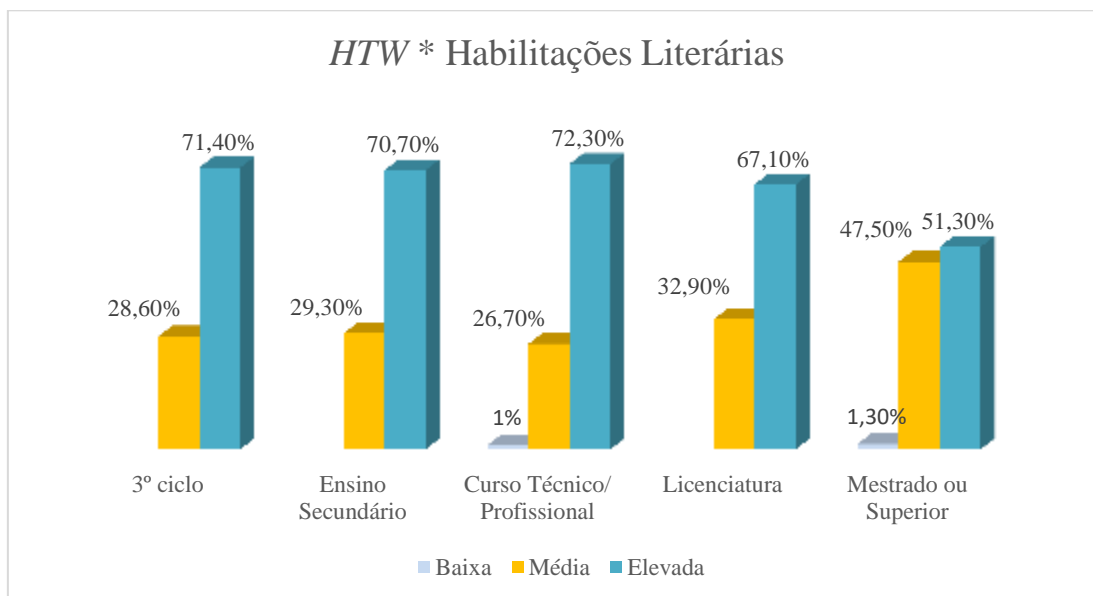


Figura 7. Níveis de Hostilidade dirigida às mulheres em função das Habilitações Literárias

Ao analisarmos a HDM, em função do Tipo de Localização, constatámos que foram os participantes residentes em meio rural que revelaram um nível de HDM, mais elevado com 69.7%, seguido do meio semiurbano com 69.2%, e meio Urbano com 65.1%. A maior diferença entre HDM, média e HDM, elevada ocorreu no meio Urbano, com 34.4% e 65.1% respectivamente. Quanto à HDM, reduzida, esta apenas se manifestou no meio Urbano com 0,5%.

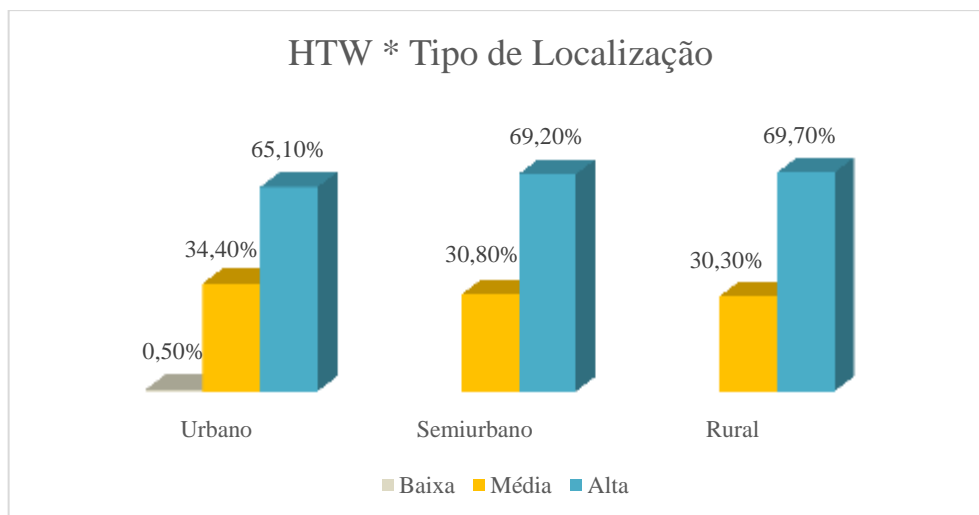


Figura 8. Níveis de Hostilidade dirigida às Mulheres em função do Tipo de Localização

Ao analisarmos a HDM, em função do Estado Civil, observámos que os níveis mais elevados de HDM, se manifestaram na categoria Divorciado com 72.4%, seguida das categorias Casado 67.8%, União de Facto 53.3%, e por último Solteiro com 52.7%. A maior diferença entre a HDM, média e a HDM, elevada registou-se na categoria Divorciado com 27.6% e 72.4% respectivamente, seguida da categoria Casado com 32.2% e 67.8% respectivamente, União de Facto com 43.3% e 53.3% respectivamente, e por último a categoria Solteiro com 45.5% e 52.7% respectivamente. Quanto à manifestação de HDM, reduzida, esta apenas se registou nas categorias União de Facto com 3.3%, seguida da categoria Solteiro com 1.8%.

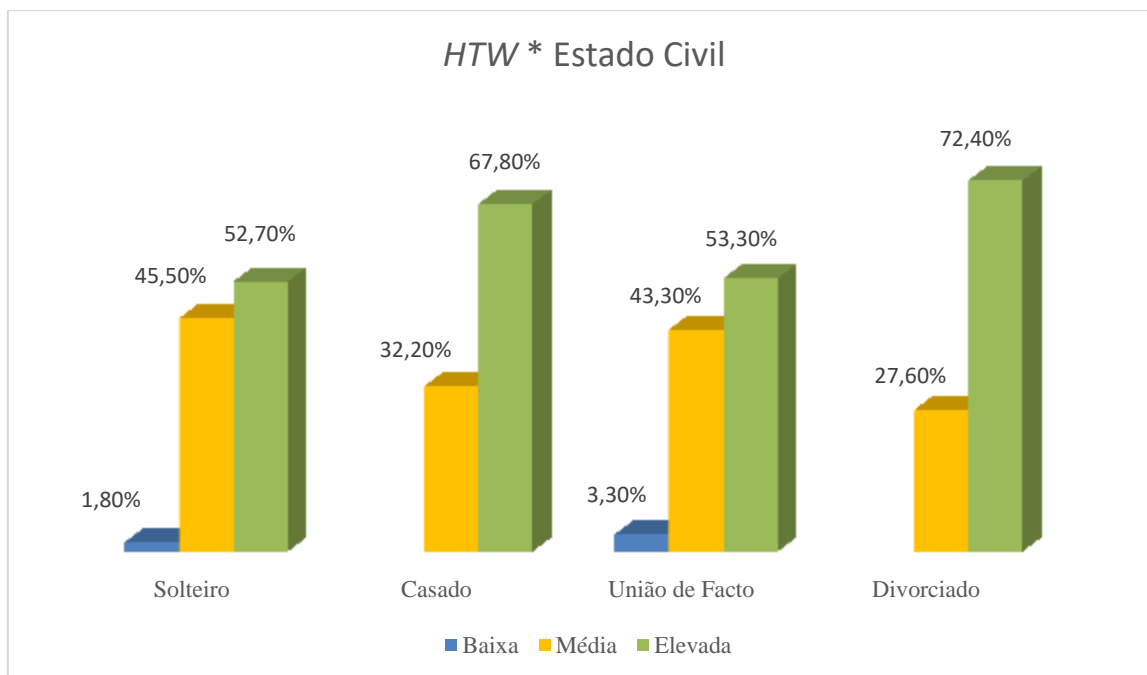


Figura 9. Níveis de Hostilidade dirigida às Mulheres em função do Estado Civil

Ao analisarmos os níveis de HDM, em função do Rendimento Anual, verificámos que o escalão onde se verifica a HDM, mais elevada é no De 40001 a 80000 euros com 69.7%, seguido dos escalões >80000 euros com 69.2%, De 10001 a 20000 euros com 68.5%, De 20001 a 40000 euros com 64.8%, e por último até 10000 euros com 52.6%. O escalão De 40001 a 80000 euros foi o que registou a maior diferença entre a HDM, média e HDM, elevada sendo esta de 39.4%, seguido do escalão 10001 a 20000 euros com uma diferença de 38.9%, seguido do escalão >80000 euros com uma diferença de 38.4%, seguido do escalão de De 20001 a 40000 euros com uma diferença de 29.6%, e por última a menor diferença no escalão até 10000 euros com uma diferença de 4.9%. A manifestação da HDM, mais reduzida verificou-se apenas nos escalões de Até 10000 euros com 2.6%, seguido do escalão De 10001 a 20000 euros com 1.9%.

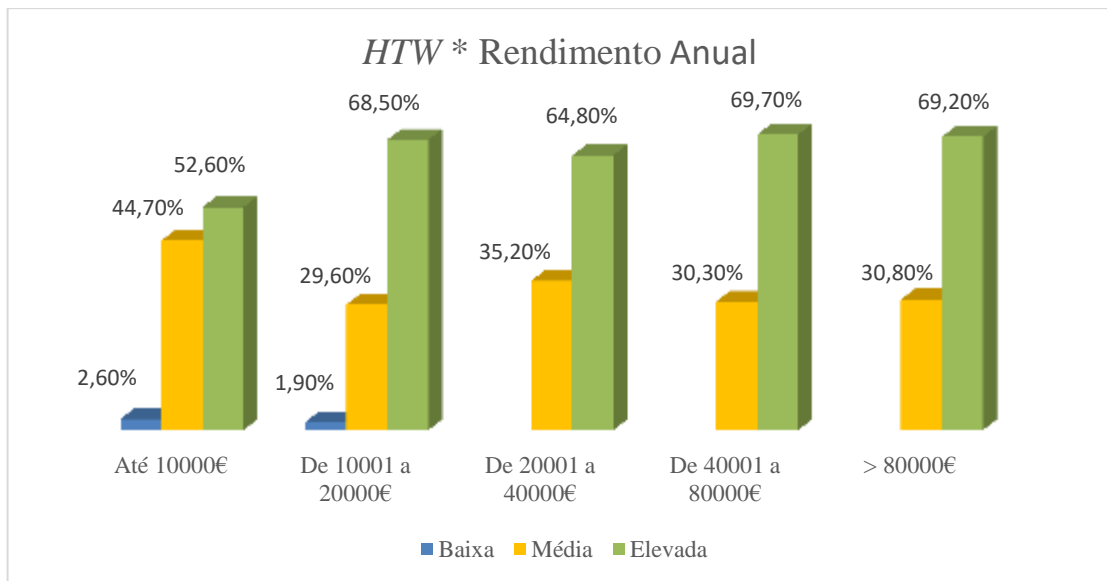


Figura 10. Níveis de Hostilidade dirigida às Mulheres em função do Rendimento Anual

2. Testes de Hipóteses

Seguidamente ir-se-á proceder à testagem das hipóteses formuladas neste estudo. Para se testarem as hipóteses foi calculado o *score* médio da variável hostilidade.

Hipóteses 1 – A idade tem uma associação significativa e positiva com a manifestação de hostilidade dirigida às mulheres.

Com a finalidade de se testar esta hipótese recorreu-se às correlações de *Pearson*.

Tabela 2. Correlação entre a idade e a hostilidade

		Idade
Todos os participantes		.13**
Hostilidade	Participantes Portugueses	.10
	Participantes Não Portugueses	.18*

Nota. * $p < .05$; ** $p < .01$

Como se pode observar na tabela 2, a idade tem uma associação significativa e positiva com a hostilidade dirigida às mulheres ($r = .13$; $p = .005$). Estes resultados indicam-nos que os participantes com idade mais avançada são os que revelaram possuir uma maior hostilidade dirigida às mulheres. No que respeita aos participantes Portugueses a associação entre a idade e a hostilidade dirigida às mulheres não é significativa. Já no que se refere aos participantes Não Portugueses a associação é positiva e significativa, ou seja, quanto mais velhos são os participantes maiores os seus níveis de hostilidade dirigida às mulheres.

Os resultados suportam parcialmente a hipótese formulada.

Hipóteses 2 – A hostilidade dirigida às mulheres difere em função da nacionalidade dos participantes, esperando-se que os participantes portugueses revelem uma maior hostilidade do que os participantes estrangeiros.

Depois de verificados os pressupostos constatou-se que não existe normalidade ($p < .05$), nem homogeneidade de variâncias ($p < .05$). No entanto como os grupos são constituídos por mais do que 30 participantes, segundo o Teorema do Limite Central a mesma tende para a normalidade. Uma vez que não se verifica também o pressuposto da homogeneidade de variâncias recorreu-se ao teste *t-student* com correção de *Welch*.

Tabela 3. Resultados do teste *t-student* relativamente à nacionalidade dos participantes

Variável	t	gl	P	Média Portugueses	Desvio Padrão	Média Estrangeiros	Desvio Padrão
Hostilidade	5.10***	363.01	<.001	.46	.21	.55	.16

Nota. *** $p < .001$

De acordo com a tabela 3 existem diferenças estatisticamente significativas entre os participantes Portugueses e Não Portugueses ($t_{(363.01)} = 5.10$; $p < .001$). Os participantes Não Portugueses revelaram possuir um maior nível de hostilidade dirigida às mulheres ($M = .55$; $DP = .16$) do que os participantes Portugueses ($M = .46$; $DP = .21$). Os resultados não suportam a hipótese formulada.

Hipóteses 3 – A hostilidade dirigida às mulheres difere em função do tipo de local de residência dos participantes, esperando-se que os participantes residentes em meio rural revelem uma maior hostilidade do que os participantes residentes em meios semiurbano e urbano.

Testados os pressupostos de normalidade e homogeneidade constatou-se que não se verifica o pressuposto da normalidade. No entanto como os grupos são constituídos por mais do que 30 participantes, segundo o Teorema do Limite Central a mesma tende para a normalidade. Realizou-se então o teste paramétrico ANOVA *One Way*.

Tabela 4. Resultados do teste ANOVA One Way relativa ao tipo de local de residência

	Variável	F	gl	P
Todos os participantes		.58	2, 476	.562
Participantes Portugueses	Hostilidade	.39	2, 325	.677
Participantes Não Portugueses		1.19	2, 148	.308

Ao observar-se a tabela 4 verifica-se que não existem diferenças estatisticamente significativas do nível de hostilidade dirigida às mulheres em função do tipo de local de residência dos participantes ($F_{(2, 325)} = .39$; $p = .677$). O mesmo acontece quando se analisa separadamente os participantes Portugueses ($F_{(2, 148)} = 1.19$; $p = .308$) e Não Portugueses ($F_{(2, 476)} = .58$; $p = .562$). Estes resultados não suportam a hipótese formulada.

Hipóteses 4 – A hostilidade dirigida às mulheres difere em função do nível de escolaridade dos participantes, esperando-se que os participantes com um nível de escolaridade mais elevado revelem uma menor hostilidade do que os participantes com um nível de escolaridade mais baixo.

Para se testar esta hipótese, como não se verificou nem o pressuposto da normalidade, nem o pressuposto da homogeneidade de variâncias recorreu-se ao teste não paramétrico de *Kruskal Wallis*. Como se verificou existirem diferenças estatisticamente significativas entre pelo menos dois dos grupos em estudo realizou-se depois o teste *Post Hoc* de *Tuchey HSD* com a finalidade de se testar quais os grupos que diferem estatisticamente entre si. Optou-se por este teste *Post Hoc* porque é o mais robusto à violação dos pressupostos e o mais indicado para amostras de grande dimensão.

Tabela 5. Resultados do teste de Kruskal Wallis e do teste Post Hoc de Tuckey HSD relativos às Habilitações literárias com todos os participantes

Escala ou Fator	Kruskal Wallis		Teste Tuckey HSD			
	H	P	Habilitações Literárias A	Habilitações Literárias B	Diferença das médias	p
Hostilidade	19.58**	.001	Mestrado ou Superior	Curso Técnico/ Profissional	-.13***	<.001
				Licenciatura	-.08*	.010

Nota. ** $p < .01$; *** $p < .001$

Os resultados (tabela 5) indicam-nos que existem diferenças estatisticamente significativas do nível de hostilidade dirigida às mulheres em função do nível de escolaridade dos participantes ($H_{(4)} = 19.58$; $p = .001$). Os participantes que têm o grau de mestrado ou superior revelaram menores níveis de hostilidade dirigida às mulheres do que os participantes que têm o grau de licenciatura ou um curso técnico/ profissional.

Tabela 6. Resultados do teste de Kruskal Wallis e do teste Post Hoc de Tuckey HSD relativos às Habilitações literárias com os participantes Portugueses

Escala ou Fator	Kruskal Wallis		Teste Tuckey HSD			
	H	P	Habilitações Literárias A	Habilitações Literárias B	Diferença das médias	p
Hostilidade	15.76**	.003	Curso Técnico Profissional	Mestrado ou Superior	.13**	.004

No que respeita aos participantes Portugueses verifica-se que existem diferenças estatisticamente significativas do nível de hostilidade dirigida às mulheres em função do nível de escolaridade dos participantes ($H_{(4)} = 15.76$; $p = .003$). Os participantes que têm um curso técnico/ profissional revelaram possuir um nível de hostilidade dirigida às mulheres mais elevado do que os participantes que o grau de mestrado ou superior.

Tabela 7. Resultados do teste de Kruskal Wallis e do teste Post Hoc de Tuckey HSD relativos às Habilitações literárias com os participantes NãoPortugueses

Escala ou Fator	Kruskal Wallis	
	H	P
Hostilidade	6.06	.195

No que se refere aos participantes Não Portugueses os resultados indicam-nos que não existem diferenças estatisticamente significativas na hostilidade dirigida às mulheres em função das habilitações literárias dos participantes ($H_{(4)} = 6.06$; $p = .195$) (tabela 7).

Os resultados suportam parcialmente a hipótese formulada.

Hipóteses 5 – A hostilidade dirigida às mulheres difere em função do nível do estado civil dos participantes, esperando-se que os participantes divorciados revelem uma maior hostilidade do que os restantes participantes.

Testados os pressupostos de normalidade e homogeneidade constatou-se que não se verifica o pressuposto da normalidade. No entanto como os grupos são constituídos por mais do que 30 participantes, segundo o Teorema do Limite Central a mesma tende para a normalidade. Realizou-se então o teste paramétrico ANOVA *One Way*. Como se verificou existirem diferenças estatisticamente significativas entre pelo menos dois dos grupos em estudo realizou-se depois o teste *Post Hoc* de *Tuchey HSD* com a finalidade de se testar quais os grupos que diferem estatisticamente entre si. Optou-se por este teste *Post Hoc* porque é o mais robusto à violação dos pressupostos e o mais indicado para amostras de grande dimensão.

Tabela 8. Resultados do teste ANOVA One Way e do teste Post Hoc de Tuckey HSD relativos ao estado civil com todos os participantes

Escala ou Fator	ANOVA One Way		Teste Tuckey HSD			
	F	P	Estado Civil A	Estado Civil B	Diferença das médias	p
Hostilidade	6.39***	<.001	Solteiro	Casado	-.08*	.035
				Divorciado	-.14***	<.001
			União de Facto	Divorciado	-.12*	.025

Nota. * $p < .05$; *** $p < .001$

Os resultados (tabela 8) indicam-nos que existem diferenças estatisticamente significativas do nível de hostilidade dirigida às mulheres em função do estado civil dos participantes ($F_{(3, 475)} = 6.39$; $p < .001$). Os participantes solteiros revelaram possuir um nível de hostilidade dirigida às mulheres menos elevado do que os participantes que casados ou divorciados. Do mesmo modo os participantes em união de facto revelaram possuir um nível de hostilidade dirigida às mulheres mais baixo do que os participantes divorciados.

Tabela 9. Resultados do teste ANOVA One Way e do teste Post Hoc de Tuckey HSD relativos ao estado civil com os participantes Portugueses

Escala ou Fator	ANOVA One Way		Teste Tuckey HSD			
	F	P	Estado Civil A	Estado Civil B	Diferença das médias	p
Hostilidade	5.64**	.001	Divorciado	Solteiro	.14**	.002
				União de Facto	.15*	.020

Quando se analisam em separado os participantes Portugueses e Não Portugueses, verifica-se que em relação aos participantes Portugueses existem diferenças estatisticamente

significativas nos níveis de hostilidade dirigida às mulheres em função do estado civil ($F_{(3, 324)} = 5.64$; $p = .001$) (tabela 9). Os participantes divorciados revelaram maiores níveis de hostilidade dirigida às mulheres do que os participantes solteiros e do que os participantes que se encontram em união de facto.

Tabela 10. *Resultados do teste ANOVA One Way e do teste Post Hoc de Tuckey HSD relativos ao estado civil com os participantes Não Portugueses*

Escala ou Fator	ANOVA <i>One Way</i>	
	F	P
Hostilidade	.88	.454

No que se refere aos participantes Não Portugueses verifica-se que não existem diferenças significativas no nível de hostilidade dirigida às mulheres em função do estado civil ($F_{(3, 147)} = .88$; $p = .454$) (tabela 10).

Os resultados suportam parcialmente a hipótese formulada.

Hipóteses 6 – A hostilidade dirigida às mulheres difere em função do rendimento anual dos participantes, esperando-se que os participantes com um rendimento anual mais elevado revelem uma menor hostilidade do que os restantes participantes.

Para se testar esta hipótese, como não se verificou nem o pressuposto da normalidade, nem o pressuposto da homogeneidade de variâncias recorreu-se ao teste não paramétrico de *Kruskal Wallis*. Como se verificou existirem diferenças estatisticamente significativas entre pelo menos dois dos grupos em estudo realizou-se depois o teste *Post Hoc* de *Tuchey HSD* com a finalidade de se testar quais os grupos que diferem estatisticamente entre si. Optou-se por este teste *Post Hoc* porque é o mais robusto à violação dos pressupostos e o mais indicado para amostras de grande dimensão.

Tabela 11. *Resultados do teste de Kruskal Wallis e do teste Post Hoc de Tuckey HSD relativos ao Rendimento anual com todos os participantes*

Escala ou Fator	Kruskal Wallis		Teste Tuckey HSD			
	H	P	Rendimento Anual A	Rendimento Anual B	Diferença das médias	p
Hostilidade	14.33**	.006	Até 10 000 euros	De 10 001 a 20 000 euros	-.15**	.002
				De 20 001 a 40 000 euros	-.11**	.009

Nota. ** $p < .01$; *** $p < .001$

Os resultados (tabela 11) indicam-nos que existem diferenças estatisticamente significativas do nível de hostilidade dirigida às mulheres em função do rendimento anual dos participantes ($H_{(5)} = 14.33$; $p = .006$). Os participantes que têm um rendimento anual até 10000 euros revelaram possuir um nível de hostilidade dirigida às mulheres mais baixo do que os participantes que têm um rendimento entre 10001 e 40000 euros.

Tabela 12. *Resultados do teste de Kruskal Wallis e do teste Post Hoc de Tuckey HSD relativos ao Rendimento anual com os participantes Nacionais*

Escala ou Fator	Kruskal Wallis		Teste Tuckey HSD			
	H	P	Rendimento Anual A	Rendimento Anual B	Diferença das médias	p
Hostilidade	15.03**	.005	De 10 001 a 20 000 euros	Até 10 000	.14*	.019
				De 20 001 a 40 000 euros	.14**	.002

Se analisarmos a hostilidade dirigida às mulheres em função do rendimento anual separando as nacionalidades verifica-se que, em relação aos participantes Portugueses existem diferenças estatisticamente significativas ($H_{(5)} = 15.03$; $p = .005$) (tabela 12). Os participantes com um rendimento anual entre os 10 001 e os 20 000 euros, revelaram possuir níveis de hostilidade dirigida às mulheres mais elevados do que os participantes que têm um

rendimento até 10 000 euros ou do que os participantes com rendimento entre 20 001 e 40 000 euros.

Tabela 13. *Resultados do teste de Kruskal Wallis e do teste Post Hoc de Tuckey HSD relativos ao Rendimento anual com os participantes não Nacionais*

Escala ou Fator	<i>Kruskal Wallis</i>		<i>Teste Tuckey HSD</i>			
	H	P	Rendimento Anual A	Rendimento Anual B	Diferença das médias	p
Hostilidade	15.90**	.003	Até 10 000 euros	De 20 001 a 40 000 euros	-.30**	.001
				De 40 001 a 80 000 euros	-.25**	.006
				Mais do que 80 000	-.32*	.011

Entre os participantes Não Portugueses também existem diferenças estatisticamente significativas nos níveis de hostilidade dirigida às mulheres em função do rendimento anual ($H_{(5)} = 15.90$; $p = .003$) (tabela 13). Os participantes com rendimento até 10 000 revelaram possuir menores níveis de hostilidade dirigida às mulheres do que os participantes que têm um rendimento anula superior a 20 001 euros. De salientar que os participantes que revelam um maior nível de hostilidade são os participantes com um rendimento superior a 80 000 euros.

Os resultados não suportam a hipótese formulada.

DISCUSSÃO/ CONCLUSÃO

O principal objectivo deste estudo foi avaliar a prevalência e distribuição da hostilidade masculina dirigida às mulheres, assim como explorar quais as características subjacentes à sua manifestação.

Do nosso conhecimento, o presente estudo é pioneiro a nível nacional, e um dos poucos a nível internacional na investigação específica sobre a prevalência e distribuição deste fenómeno.

Não obstante a crescente relevância atribuída à HDM, nomeadamente através de acções de informação, formação e sensibilização, ficou claro nesta investigação que continua a existir uma elevada quantidade de hostilidade masculina dirigida às mulheres. Os resultados deste estudo revelaram que entre os 479 participantes 316 (66%) possuem HDM elevada, 161 (33.6%) HDM média, e 2 (0,4%) HDM reduzida.

Estes dados são preocupantes, uma vez que homens que possuem uma atitude hostil em relação às mulheres são mais propensos a atos de violência contra estas (Ogle, Noel, Maisto, 2009), como por exemplo perpetuação do assalto sexual contra mulheres (McDermott et al., 2015; Murnen et al., 2002).

Apesar de se ter registado uma certa ambiguidade entre algumas respostas em algumas das afirmações incluídas na escala utilizada, foi clara a tendência de resposta dos participantes. Assim, com base na análise descritiva dos itens que compõem a escala, verificámos o seguinte:

Os itens 2, 23, e 28, remetem para uma percepção de ressentimento e de injustiça face às mulheres. Geralmente subjacente ao ressentimento está um sentimento de injustiça, raiva ou rancor por outro, que se poderá manifestar através da hostilidade. Por exemplo no item 2 a maioria dos participantes afirma sentir-se chateado com a mais ligeira crítica feita por uma mulher. Esta constatação reporta-nos para os estudos de Malamuth et al. (1995), que indicam que homens com elevada hostilidade sentem medo da rejeição nas relações com mulheres. Se um homem pensar que ao ser criticado está a ser rejeitado, é possível que tal sentimento desencadeie um sentimento de insegurança e um posicionamento defensivo, manifestado através da HDM (Malamuth et al., 1995). Os itens 3, 5, 12, 19, e 29, estão associados à desvalorização da mulher. Por exemplo no item 3, 65.1% dos participantes, referem não se sentirem incomodados quando as mulheres os importunam em relação aos seus defeitos. É possível que a confrontação com os seus defeitos, seja percebida pelo homem como uma ameaça, neutralizada pela não atribuição ou reconhecimento de valor da mulher, manifestada

através da indiferença face às opiniões desta. A não atribuição de significância é *per si* uma forma de dominação sobre a mulher, assim rebaixando-a e retirando-lhe poder (Malamuth et al., 1995), assegurando a dominância masculina sobre a mulher subordinada (Connell, 1995). Os itens 7, e 21, remetem para o sentimento de culpa. Por exemplo no item 7, 88.9% dos participantes afirmaram que poucas teriam sido as coisas que teriam feito às mulheres que os fizesse sentir remorsos. Esta elevada percentagem, por um lado, sugere que a desculpabilização face a eventuais ações, pode estar relacionada com a atribuição de responsabilidade das mesmas (ações) às mulheres. Este resultado cai em linha com o estudo de Abrams, Viki, Masser e Bohner (2003), que revelou que homens com elevado *score* na escala de Benevolente Sexismo (associado a estereótipos tradicionais e dominância masculina, i.e. o homem que cuida e a mulher sua dependente), eram também os mais suscetíveis de atribuir responsabilidade às vítimas de estupro, percebidas por esses homens como violando as expectativas tradicionais de papel de género (Abrams et al., 2003). Por outro lado, subverter o sentimento de culpa pode ser resultado da dificuldade em lidar com emoções associadas a vulnerabilidade (Jakupcak et al., 2005). Os itens 16, 17, e 18, remetem para a desconfiança/ Suspeição. Por exemplo no item 16, a maioria dos participantes concordam que a maioria das mulheres mentiria para levar a sua avante. Este sentimento de desconfiança e suspeição dirigida às mulheres em geral, é um indicador da Hostilidade Masculina (Malamuth & Thornhill, 1994).

Tabela 14 - *Tabela Item Construto*

Item	Verdadeiro	Falso	Construto
2. Sinto-me chateado com a mais ligeira crítica feita por uma mulher.	55.1%	44.9%	Ressentimento/ raiva
3. Não me incomoda muito quando as mulheres me importunam em relação aos meus defeitos.	65.1%	34.9%	Desvalorização da mulher
5. Se estiver disposto a lutar as mulheres não passarão por cima de mim.	83.9%	16.1%	Desvalorização da mulher
7. Poucas são as coisas que faço às mulheres das quais acabo por sentir remorsos.	88.9%	11.1%	Culpa
12. Geralmente não fico muito irritado quando uma mulher goza comigo.	39%	61%	Desvalorização da mulher
16. Acho que a maioria das mulheres não mentiria para levar a sua avante.	47.2%	52.8%	Suspeição/Desconfiança
17. É mais seguro não confiar nas mulheres.	36.3%	63.7%	Suspeição/Desconfiança
18. No fundo, muitas mulheres são traiçoeiras.	41.8%	58.2%	Suspeição/Desconfiança
19. Eu não sou facilmente irritado por uma mulher.	67.8%	32.2%	Desvalorização da mulher
21. Eu nunca tenho sentimentos hostis que mais tarde me façam sentir envergonhado.	87.5%	12.5%	Culpa
23. Estou certo de que recebo um tratamento injusto da parte das mulheres na minha vida.	50.1%	49.9%	Ressentimento
28. Quando penso no que me aconteceu, não sinto nenhum ressentimento para com as mulheres presentes na minha vida.	88.9%	11.1%	Ressentimento
29. Eu nunca amuo quando uma mulher me chateia.	27.8%	72.2%	Desvalorização da mulher

Relativamente à Hipótese 1 deste estudo, “A idade tem uma associação significativa e positiva com a manifestação de hostilidade dirigida às mulheres”, os resultados revelaram que a idade tem uma associação positiva e significativa com a HDM. Isto é, quanto mais avançada a idade dos participantes, mais elevada a HDM. Não obstante, quando avaliados separadamente, constatou-se que em relação aos participantes Portugueses a associação entre a idade e a HDM não era significativa. Já no que se refere aos participantes Não Portugueses, a associação era positiva e significativa. Os resultados suportaram parcialmente a hipótese formulada. O estudo de Barefoot, Beckham, Haney, Siegler, e Lipkus (1993), revelou uma associação positiva entre a idade e auto relatos de crenças hostis (incluindo suspeição) sobre

os outros. Esta transversalidade da HDM em função da idade dos participantes Portugueses não era esperada, tendo em conta que Portugal tem sido um país historicamente assente numa ideologia masculina patriarcal, que tem atribuído ao homem a responsabilidade de assegurar as necessidades da família, muitas vezes chamado “chefe de família”. A ideologia masculina é assente num sistema de crenças que se torna num quadro de referência que influencia o pensamento, emoções e comportamentos de uma determinada sociedade (Genuchi, Valdez, 2015). Estas crenças nascem de um conjunto de ideias, doutrinas, mitos e expectativas, que se refletem na construção do género, entre grupos, comunidades ou sociedades (Genuchi, Valdez, 2015). Estas normas aprendidas culturalmente em função do género providenciam orientação e limitações em relação ao comportamento masculino (Genuchi, Valdez, 2015). Sabendo que a masculinidade (enquanto ideologia assente em normas masculinas em função do género) predita hostilidade (Jakupcak et al., 2005), e tendo a convicção de que ao longo das últimas décadas fatores associados à hegemonia masculina se têm vindo a esbater em Portugal, seria de esperar que a HDM fosse tanto mais elevada quanto avançada a idade dos participantes.

Quanto à Hipótese 2, “A hostilidade dirigida às mulheres difere em função da nacionalidade dos participantes, esperando-se que os participantes Portugueses revelem uma maior hostilidade do que os participantes Não Portugueses”, os resultados demonstraram que existem diferenças estatisticamente significativas entre os participantes Portugueses e Não Portugueses. Os participantes Não Portugueses revelaram possuir um maior nível de hostilidade dirigida às mulheres do que os participantes Portugueses. Os resultados não suportam a hipótese formulada. Em 2013, Portugal era a nível Europeu, um dos países com percentagem mais elevada ao nível da violência contra as mulheres. Atualmente, a região da Europa é a que globalmente apresenta percentagens mais baixas relativamente à violência contra a mulher (25,4%) (OMS, 2017). Não obstante nos últimos 14 anos, mais de 470 mulheres terem morrido em Portugal na sequência de violência doméstica (Observatório das Mulheres Assassinadas, 2017), o país foi considerado, a nível Europeu, um dos menos afetados pela violência contra as mulheres (Instituto Europeu de Igualdade de Género, 2017). Contudo devemos ter alguma cautela na interpretação destes dados, dado que, segundo o IEIG (2017), quase uma em cada duas mulheres que foi vítima de violência, nunca o reportou (i.e. polícia, amigos, familiares, vizinhos). Estes resultados são coerentes com os estudos de (Anderson e Anderson, 2008), que revelaram que a HDM especificamente prediz um aumento da agressividade e violência contra as mulheres em geral.

Relativamente à Hipótese 3, “A hostilidade dirigida às mulheres difere em função do tipo de local de residência dos participantes, esperando-se que os participantes residentes em meio rural revelem uma maior hostilidade do que os participantes residentes em meios semiurbano e urbano”, os resultados demonstraram que não existem diferenças estatisticamente significativas do nível de hostilidade dirigida às mulheres em função do tipo de local de residência dos participantes. O mesmo acontece quando se analisa separadamente os participantes Portugueses e Não Portugueses. Estes resultados não suportam a hipótese formulada. Tendencialmente os meios semiurbanos ou rurais são mais escassos nos recursos que disponibilizam à população local, nomeadamente ao nível da prevenção e intervenção na comunidade. Por exemplo através de programas focados na prevenção do fenómeno antes que ele ocorra (prevenção primária); celeridade na resposta à violência consumada através de serviços de emergência hospitalar (prevenção secundária); programas focados no longo termo, cuja abordagem se foque na reabilitação, reintegração e diminuição do trauma (prevenção terciária) (OMS, 2017). Partindo desta assunção, esperava-se que os participantes residentes em meio urbano, tendo acesso a mais recursos na comunidade, apresentassem níveis mais baixos de HDM.

Quanto à Hipótese 4, “A hostilidade dirigida às mulheres difere em função do nível de escolaridade dos participantes, esperando-se que os participantes com um nível de escolaridade mais elevado revelem uma menor HDM do que os participantes com um nível de escolaridade mais baixo”, os resultados revelaram que existem diferenças estatisticamente significativas do nível de hostilidade dirigida às mulheres em função do nível de escolaridade dos participantes. Sendo que os participantes com o grau de mestrado ou superior revelaram menores níveis de hostilidade dirigida às mulheres do que os participantes que têm o grau de licenciatura ou um curso técnico/ profissional. Os resultados suportam a hipótese formulada. Tendo a escolaridade uma função pedagógica, homens com um nível de escolaridade mais elevado serão mais propensos a apoiar as liberdades civis dos outros (Ohlander, Batalova e Treas, 2005), e a engajarem-se menos frequentemente em normas tradicionais do papel de género, as quais tendem para a HDM. Tem sido amplamente retratado na literatura que a escolaridade tem um impacto positivo na redução de atitudes que prejudicam outros (Vandenbossche, Spruyt, Keppens, 2017). Nas escolas os alunos são expostos a ideias que promovem a igualdade de direitos, assim como são estimulados a desenvolver a capacidade de sentir compaixão e tolerância pelos outros (Ohlander, Batalova e Treas, 2005). Segundo Ohlander et al. (2005), os alunos do ensino técnico e profissional têm uma possibilidade maior de crescer em famílias com escolaridade reduzida, que por sua vez são mais propensas

a endossar as normas tradicionais do papel de género (Kulik, 2002), que por sua vez incluem factores de masculinidade propensos a atitudes de HDM. Os estudos de Santana et al. 2006), demonstraram que os homens com maior propensão a actos de violência contra as suas parceiras íntimas eram aqueles com características de masculinidade tradicional mais acentuadas.

A nossa Hipótese 5, “A hostilidade dirigida às mulheres difere em função do estado civil dos participantes, esperando-se que os participantes divorciados revelem uma maior hostilidade do que os restantes participantes”, os resultados revelaram que existem diferenças estatisticamente significativas do nível de HDM em função do estado civil dos participantes. Os participantes solteiros revelaram possuir um nível de HDM menos elevado do que os participantes casados ou divorciados. Do mesmo modo os participantes em união de facto revelaram possuir um HDM mais baixo do que os participantes divorciados.

Quando se analisam em separado os participantes Portugueses e Não Portugueses, verifica-se que em relação aos participantes Portugueses existem diferenças estatisticamente significativas nos níveis de HDM em função do estado civil, Os participantes Divorciados revelaram níveis mais elevados de hostilidade dirigida às mulheres do que os participantes Solteiros e do que os participantes que se encontram em União de Facto.

Relativamente aos participantes Não Portugueses não se verificaram diferenças significativas do nível de HDM em função do estado civil. Os resultados suportam parcialmente a hipótese formulada.

Investigação tem demonstrado que a assimetria de poder nos relacionamentos entre homens e mulheres maioritariamente favorece os homens (Kim e Emery 2003;), o que limita o comportamento da mulher. Assim como, as normas tradicionais de papel de género são maioritariamente aceites pelos homens em detrimento das mulheres (Fisman et al. 2006; Gutierrez et al. 1999; Sprecher et al. 1994). Esta tendência pode causar sentimentos de injustiça no relacionamento, tanto para o homem, que pode sentir a sua masculinidade ameaçada, como para a mulher, que não a aceita e vê a sua liberdade ameaçada. Tem-se constatado que as mulheres iniciam mais divórcios do que os homens (Hewitt et al 2006; Kalmijn and Poortman 2006). Por um lado esta iniciativa da mulher de rutura do relacionamento, pode espoletar um sentimento de ameaça da masculinidade e vulnerabilidade emocional do homem cuja resposta será hostilidade dirigida a esta, por outro o conflito emergente do divórcio, pode *per si* desencadear sentimentos de hostilidade.

Na nossa hipótese 6, “A hostilidade dirigida às mulheres difere em função do rendimento anual dos participantes, esperando-se que os participantes com um rendimento

anual mais elevado revelem uma menor hostilidade dirigida às mulheres do que os restantes participantes”, os resultados revelaram que existem diferenças estatisticamente significativas do nível de HDM em função do rendimento anual dos participantes. Os participantes que têm um rendimento anual até 10000 euros revelaram possuir um nível de hostilidade dirigida às mulheres mais baixo do que os participantes que têm um rendimento entre 10001 e 40000 euros.

Ao analisarmos a hostilidade dirigida às mulheres em função do rendimento anual separando as nacionalidades verificou-se que, em relação aos participantes Portugueses existiam diferenças estatisticamente significativas. Os participantes com um rendimento anual entre os 10 001 e os 20 000 euros, revelaram possuir níveis de hostilidade dirigida às mulheres mais elevados do que os participantes com um rendimento até 10 000 euros ou do que os participantes com rendimento entre 20 001 e 40 000 euros.

Entre os participantes Não Portugueses também se verificaram diferenças estatisticamente significativas nos níveis de hostilidade dirigida às mulheres em função do rendimento anual. Os participantes com rendimento até 10 000 revelaram possuir menores níveis de hostilidade dirigida às mulheres do que os participantes que têm um rendimento anual superior a 20 001 euros. De salientar que os participantes que revelam um maior nível de hostilidade são os participantes com um rendimento superior a 80 000 euros. Os resultados não suportam a hipótese formulada. Dada a escassez de pesquisas atuais relacionando a HDM e o rendimento, apenas podemos começar por explorar a relação entre HDM e Rendimento.

Primeiro revelou que a manifestação masculina da prevalência da HDM é elevada entre a população do estudo.

Estes resultados sublinham a importância e urgência de desenvolvimento de estudos que permitam compreender as causas que conduzem ao desenvolvimento da HDM de modo a serem criados programas focados na prevenção das mesmas, assim como medidas de intervenção que rompam a perpetuação da HDM.

1. Limitações e Implicações

Apesar dos resultados deste estudo fornecerem uma compreensão adicional sobre a HDM, existem algumas limitações que devem ser referidas. Em primeiro lugar, este estudo envolveu recrutamento presencial que poderá ter provocado alguma desejabilidade social por parte dos participantes. Por outro lado a opção por um instrumento de auto relato, apesar das

suas mais-valias (e.g., ser de fácil preenchimento, aplicação a uma amostra nacional e internacional), por ser um instrumento de resposta dicotómica fechada, limita a quantidade de informação recolhida. Por outro lado, como a amostra engloba participantes nacionais e internacionais, é possível ocorrer algum enviesamento dos resultados, relacionados com aspectos culturais, habilitações literárias e o rendimento Anual, dadas as possíveis diferenças relativas a estas variáveis entre os diferentes países. Considera-se que a replicação do presente estudo utilizando uma metodologia não só quantitativa mas também qualitativa, facilitaria a compreensão e o enriquecimento das respostas dos participantes. Por último, consideramos que uma das implicações mais relevantes reside na necessidade de desenvolver programas de prevenção e intervenção nas comunidades, principalmente nas escolas, que potenciem uma aprendizagem, mudança de atitudes e consciencialização das implicações e consequências da HDM.

Replicações da investigação vigente poderão contribuir para a consolidação dos resultados ora alcançados.

REFERÊNCIAS

- Abrams, D., Viki, G.T.N., Masser, B. & Bohner, G. (2003). Perceptions of Stranger and Acquaintance Rape: The Role of Benevolent and Hostile Sexism in Victim Blame and Rape Proclivity. *Journal of Personality and Social Psychology* 84 (1), 111–25.
- Adler, P. A., Kless, S. J., & Adler, P. (1992). Socialization to gender roles: Popularity among elementary school boys and girls. *Sociology of Education*, 65, 169–187.
- Ainsworth, M.S. (1989) Attachments beyond Infancy. *American Psychology*, 44, 709-716. <http://dx.doi.org/10.1037/0003-066X.44.4.709>
- Anderson, C. A. and Anderson, K. B. (2008). Men who target women: specificity of target, generality of aggressive behavior. *Aggressive Behaviour*, 34, 605–622. doi:10.1002/ab.20274
- Anderson, C. A., Flanagan, M., Carnagey, N. L., Benjamin, A. J., Eubanks, J., & Valentine, J. C. (2002). Specific effects of violent video game content on aggressive thoughts and behavior. Manuscript submitted for publication.
- Barefoot, J.C., Beckham, J.C., Haney, T.L., Siegler, I.C. & Lipkus, I.M. (1993). Age differences in hostility among middle-aged and older adults. *Psychology and Aging*, 8(1), 3-9.
- Bowlby, J. (1969). *Attachment and loss*, Vol. 1: Attachment. New York: Basic Books.
- Bretherton I, Munholland KA. Internal working models in attachment relationships: A construct revisited. In: Cassidy J, Shaver PR, editors. *Handbook of attachment*. New York: Guilford Press; 1999. pp. 89–111.
- Briere, J., Malamuth, N., & Check, J.V. (1985). Sexuality and rape supportive beliefs. *International Journal of Women's Studies*, 8, 398-403.
- Bryman, A., & Cramer, D. (2003). *Análise de dados em ciências sociais. Introdução às técnicas utilizando o SPSS para windows* (3ª ed.). Oeiras: Celta.
- Burt, M. (1980). Cultural myths and support for rape. *Journal of Personality and Social Psychology*, 38, 217-230.
- Buss, A.H. (1961) *The Psychology of Aggression*. Wiley. New York. <http://dx.doi.org/10.1037/11160-000>.
- Cambuí, H. A., Neme, C. M. B., & Abrão, Ferreira, J. L. (2016). A constituição subjetiva e saúde mental: contribuições winnicottianas. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 19(1), 131-145. <https://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982016000100009>

- Check, J.V.P. (1984) The Hostility toward Women Scale. Unpublished doctoral dissertation, University of Manitoba, Winnipeg.
- Check, J.V.P. (1985). The Hostility Toward Women Scale. Unpublished doctoral dissertation, University of Manitoba, Winnipeg.
- Check, J.V.P., and N. Malamuth. (1983). Sex Role Stereotyping and Reactions to Depictions of Stranger versus Acquaintance Rape. *Journal of Personality and Social Psychology*, 45, 344-356.
- Check, J.V., & Malamuth, N.M. (1985). An empirical assessment of some feminist hypotheses about rape. *International Journal of Women's Studies*, 8, 414-423.
- Connell, R. (1995). *Masculinities*. Polity: Cambridge.
- Crossman, Leslie L. (1995) Factors Which Predict Hostility Toward Women: Implications for Counselling. *American Educational Research Association*, San Francisco, CA, 1-20. <https://eric.ed.gov/?id=ED386617>
- DeGue, S., & DiLillo, D. (2004). Understanding perpetrators of nonphysical sexual coercion: Characteristics of those who cross the line. *Violence and Victims*, 19, 673-688.
- DeKeseredy, W. S. & Kelly, K. (1995). Sexual Abuse in Canadian University and College Dating Relationships: The Contribution of Male Peer Support. *Journal of Family Violence*, 10, 41-53.
- D'Oliveira, T. (2007). *Teses e dissertações – recomendações para a elaboração e estruturação de trabalhos científicos* (2ª ed.). Lisboa: Editora RH.
- Dutton, D. G. (1995). Male abusiveness in intimate relationships. *Clinical Psychology Review*, 15(6), 567-581.
- Dutton, D. G. (1998). A comparison of impulsive and instrumental subgroups of batterers. *Violence and Victims*, 13, 217-230.
- Eckhardt, C.I., Barbour, K.A. and Stuart, G.L. (1997) Anger and Hostility in Martiallly Violent Men: Conceptual Distinctions, Measurement Issues, and Literature Review. *Clinical Psychology Review*, 17, 333-358. [http://dx.doi.org/10.1016/S0272-7358\(96\)00003-7](http://dx.doi.org/10.1016/S0272-7358(96)00003-7)
- Eckhardt, C.I. and Deffenbacher, J.L. (1995) Diagnosis of Anger Disorders. In: Kassino, H., Ed., *Anger Disorders: Definition, Diagnosis, and Treatment*, Taylor & Francis, Washington DC, 27-47.
- Elmquist, J., Hamel, J., Shorey, R. C., Labrecque, L., Ninnemann, A., & Stuart, G. L. (2014). Motivations for intimate partner violence in men and women arrested for domestic

- violence and court referred to batterer intervention programs. *Partner Abuse*, 5(4), 359-374.
- Fagan, J. & Wexler, S. (1988). Explanations of sexual assault among violent delinquents. *Journal of Adolescent Research*, 3, 363-385. <https://doi.org/10.1177/07435548883301>
- Fisman R., Iyengar S.S., Kamenica E., Simonson I. (2006). Gender differences in mate selection: evidence from speed dating experience. *The Quarterly Journal of Economics*. 121, 673–697.
- Forbes, G. B., Adams-Curtis, L., & White, K. B. (2004). Firsthand second-generation measures of sexism, rape myths and related beliefs, and hostility in college students' experiences with dating aggression and sexual coercion. *Violence Against Women*, 10, 236-261. [Google Scholar](#), [Link](#)
- Gallagher, K. E., & Parrott, D. J. (2011). What accounts for men's hostile attitudes toward women? The influence of hegemonic male role norms and masculine gender role stress. *Violence Against Women*, 17(5), 568-583. doi:10.1177/1077801211407296
- Genuchi, M. (2015). Anger and Hostility as Primary Externalizing Features of Depression in College Men. *International Journal of Men's Health*, 14(2), 113-128. Doi: 10.3149/jmh.1402.113
- Gilligan, J. (1997) *Violência - Nossa Epidemia Mortal e Suas Causas*. New York: Vintage.
- Glick P., Fiske S.T. (1996). O inventário ambivalente do sexismo: diferenciação do sexismo hostil e benevolente. *Jornal de Personalidade e Psicologia Social*, 70, 491-492.
- Gutierrez S. E., Kenrick D. T., Partch J. J. (1999). Beauty, dominance, and the mating game: contrast effects in self-assessment reflect gender differences in mate selection. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 25, 1126–1134.
- Hewitt, Belinda, Mark Western, and Janeen Baxter. 2006. "Who Decides? The Social Characteristics of Who Initiates Divorce?" *Journal of Marriage and Family* 68(5): 1165-1177.
- Hill, M., & Hill, A. (2002). *Investigação por Questionário*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Holtzworth-Munroe, A., Meehan, J. C., Herron, K., Rehman, U., & Stuart, G. L. (2000). Testing the Holtzworth-Munroe and Stuart (1994) batterer typology. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 68, 1000-1019. [Google Scholar](#), [Crossref](#), [Medline](#)
- Instituto Europeu para a Igualdade de Género (2017) <https://www.cig.gov.pt/2017/10/publicacao-relatorio-gender-equality-index-2017/>

- Jakupcak, M. (2003). Masculine Gender Role Stress and Men's Fear of Emotions as Predictors of Self-Reported Aggression and Violence. *Violence and Victims, 18*(5), 533-541. DOI: [10.1891/vivi.2003.18.5.533](https://doi.org/10.1891/vivi.2003.18.5.533)
- Jin, X., Eagle, M. and Keat, J.E. (2008) Hostile Attributional Bias, Early Abuse, and Social Desirability in Reporting Hostile Attributions among Chinese Immigrant Batterers and Nonviolent Men. *Violence and Victims, 23*, 773-786.
- Kalmijn, Matthijs & Anne-Rigt Poortman. (2006). His or Her Divorce? The Gendered Nature of Divorce and its Determinants. *European Sociological Review 22*(2):201-214.
- Ken Plummer (2001). *Documents of Life 2: An Invitation to a Critical Humanism*. London: Sage.
- Kim, J. Y., & Emery, C. (2003). Marital power, conflict, norm consensus, and marital violence in a nationally representative sample of Korean couples. *Journal of Interpersonal Violence, 18*(2), 197–219. doi:10.1177/0886260502238735.
- Kulik, L. (2002). The Impact of Social Background on Gender-role Ideology: Parents' versus Children's Attitudes. *Journal of Family Issues 23*(1): 53–73
- Lonsway, K.A., & Fitzgerald, L.F. (1995). Attitudinal antecedents of rape myth acceptance: A theoretical and empirical reexamination. *Journal of Personality and Social Psychology, 68*, 704-711.
- Lopez, P.A., George, W.H., & Davis, K.C. (2007). Do hostile sexual beliefs affect men's perceptions of sexual-interest messages? *Violence and Victims, 22*, 226-242.
- Malumuth, N. M., & Brown, L. A. (1994). Sexually aggressive men's perceptions of women's communications: Testing three explanations. *Journal of Personality and Social Psychology, 67*, 699-712.
- Malamuth, N., Feshbach, S., & Jaffe, Y. (1977). Sexual arousal and aggression: Recent experiments and theoretical issues. *Journal of Social Issues, 33*, 110-133
- Malamuth, N., Heavey, C., & Lintz, D. (1993). Predicting men's antisocial behavior against women: The interactional model of sexual aggression. In G. Hall & R. Hirschman (Eds.), *Sexual aggression: Issues in etiology, assessment and treatment* (pp. 63-97). Philadelphia, PA: Taylor & Francis.
- Malamuth, N., Lintz, D., Heavey, C., Barnes, G., & Acker, M. (1995). Using the confluence model of sexual aggression to predict men's conflicts with women: A 10-year follow-up study. *Journal of Personality and Social Psychology, 69*, 353-369.

- Malamuth, N., Sockloskie, R., Koss, M., & Tanaka, J. (1991). Characteristics of aggressors against women: Testing a model using a national sample of college students. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 59*, 670-681.
- Malamuth, N. M., & Thornhill, N. W. (1994). Hostile masculinity, sexual aggression, and gender-biased domineeringness in conversations. *Aggression, gender, and sex: psychological and psychobiological studies in humans and animals [special issue]. Aggressive Behavior, 20*(3), 185-193.
- Manago, A. M., Ward, L. M., Lemm, K. M., Reed, L., & Seabrook, R. (2015). Facebook involvement, objectified body consciousness, body shame, and sexual assertiveness in college women and men. *Sex Roles, 72*, 1-14. <http://dx.doi.org/10.1007/s11199-014-0441-1>
- McDermott, R. C., Kilmartin, C., McKelvey, D. K., & Kridel, M. M. (2015). College male sexual assault of women and the psychology of men: Past, present, and future directions for research. *Psychology of Men e Masculinity, 16*, 355-366. <http://dx.doi.org/10.1037/a0039544>.
- Mikorski, R. & Szymanski, d. M. (2017). Masculine Norms, Peer Group, Pornography, Facebook, and Men's Sexual Objectification of Women. *Psychology of Men & Masculinity, 18*, 257-267.
- Ogle, R. L., Noel, N. E., & Maisto, S. A. (2009). Assessing Acceptance of Violence Toward Women: A Factor Analysis of Burt's Acceptance of Interpersonal Violence Scale. *Violence against Women, 15*(7), 799-809. <http://doi.org/10.1177/1077801209334444>
- Ohlander, J., Batalova, J., Treas, J. (2005). Explaining Educational Influences on Attitudes toward Homosexual Relations. *Social Science Research 34* (4): 781-99.
- OMA Observatório das mulheres assassinadas (2017) <http://www.umarfeminismos.org/index.php/observatorio-de-mulheres-assassinadas>
- O'Neil, J. M.; & Harway, M. (1997). A multivariate model explaining men's violence toward women: Predisposing and triggering hypotheses. *Violence Against Women, 3*(2), April.
- Parrot, D.J., & Zeichner, A. (2003). Effects of trait anger and negative attitudes towards women on physical assault in dating relationships. *Journal of Family Violence, 18*, 301-307.
- Russell, T. D., & King, A. R. (2016). Anxious, hostile, and sadistic: Maternal attachment and everyday sadism predicted hostile masculine beliefs and male sexual violence. *Personality And Individual Differences, 99*340-345. Doi: 10.1016/j.paid.2016.05.029

- Santana, M. C., Raj, A., Decker, M. R., La Marche, A., & Silverman, J. G. (2006). Masculine gender roles associated with increased sexual risk and intimate partner violence perpetration among young adult men. *Journal of Urban Health*, 83(4), 575-585. DOI: [10.1007/s11524-006-9061-6](https://doi.org/10.1007/s11524-006-9061-6)
- Schwarz, J. M. Tanur, & R. Tourangeau (Eds.), *Cognition and survey research* (pp. 133–153). New York, NY: Wiley.
- Sears, H. A., Byers, E. S., & Price, E. L. (2007). The co-occurrence of adolescent boys' and girls' use of psychologically, physically, and sexually abusive behaviours in their dating relationships. *Journal of Adolescence*, 30(3), 487- 504.
- Speilberger, C.D. (1988) Manual for the State-Trait Anger Expression Inventory. Psychological Assessment Resources, Odessa, FL.
- Sprecher S, Sullivan Q, Hatfield E. (1994). Mate selection preferences: gender differences examined in a national sample. *Journal of Personality and Social Psychology*, 66, 1074–1080.
- Stith, S.M., & Farley, S.C. (1993). A predictive model of spousal violence. *Journal of Family Violence*, 8, 183-201
- Stoller, Robert; *Sexual Excitement: Dynamics of Erotic Life*, Pantheon, New York (1979), 281
- Szymanski, D. M., & Mirkorski, R. (2017). Sexually objectifying environments: Power, rumination, and waitresses' anxiety and disordered eating. *Psychology of Women Quarterly*, 41, 314-324. doi: [10.1177/0361684317709438](https://doi.org/10.1177/0361684317709438).
- Teicher, M. H., Samson, J. A., Polcari, A., & McGreenery, C. E. (2006). Sticks, stones, and hurtful words: Relative effects of various forms of childhood maltreatment. *The American Journal of Psychiatry*, 163, 993-1000. doi:[10.1176/appi.ajp.163.6.993](https://doi.org/10.1176/appi.ajp.163.6.993)
- Tharp, A. T., Schumacher, J. A, Samper, R. E., McLeish, A. C., & Coffey, S. F. (2013). Relative Importance of Emotional Dysregulation, Hostility, and impulsiveness in predicting Intimate Partner Violence Perpetrated by Men in Alcohol Treatment. *Psychology of Women Quarterly*, 37(1), 51-60.
- Thompson, M. P., Swartout, K. M., & Koss, M. P. (2013). Trajectories and predictors of sexually aggressive behaviors during emerging adulthood. *Psychology of Violence*, 3(3), 247–259. doi: [10.1037/a0030624](https://doi.org/10.1037/a0030624)
- Tolman, R.M. and Saunders, D. (1988) The Case for the Cautious Use of Anger Control with Men Who Batter. *Response*, 11, 15-20.
- Trochim, W. (2000). *The Research Methods Knowledge Base*. 2nd Edition. Atomic Dog Publishing, Cincinnati, OH.

- Vandello, J. A., & Bosson, J. K. (2013). Hard won and easily lost: A review and synthesis of theory and research on precarious manhood. *Psychology of Men & Masculinity, 14*, 101–113. doi: [10.1037/a0029826](https://doi.org/10.1037/a0029826)
- Vandenbosch, L., & Eggermont, S. (2015). The Role of Mass Media in Adolescents' Sexual Behaviors: Exploring the Explanatory Value of the Three-Step Self-Objectification Process. *Archives of Sexual Behavior, 44*, 729-742. doi:10.1007/s10508-014-0292-4
- Vandenbossche, L., Spruyt, B., Keppens, G. (2017). Young, Innocent and Sexist? Social Differences in Benevolent and Hostile Sexist Attitudes towards Women amongst Flemish Adolescents. *Sage Journals*. <http://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/1103308817697240>
- Vivolo-Kantor, A. M., DeGuee, S., Dillillo, D., Cuadra, L. E. (2013). The Mediating Effect of Hostility Toward Women on the Relationship Between Childhood Emotional Abuse and Sexual Violence Perpetration. Faculty Publications, Department of Psychology, paper 662. <http://digitalcommons.unl.edu/psychfacpub/662>
- Ward, L. M. (2003). Understanding the role of entertainment media in the sexual socialization of American youth: A review of empirical research. *Developmental Review, 23*, 347-388. doi: 10.1016/S0273-2297(03)00013-3
- Ward, T., Mann, R. E., & Gannon, T. A. (2007). The good lives model of offender rehabilitation: Clinical implications. *Aggression and Violent Behavior, 12*, 87–107.
- Wegner, R., Davis, K. C., Stappenbeck, C. A., Kajamulo, K. F., Norris, J., & George, W. H. (2016, August 8). The Effects of Men's Hostility Toward Women, Acute Alcohol Intoxication, and Women's Condom request style on Men's Condom Use Resistance Tactics. *Psychology of Violence*. Advance online publication. <http://dx.doi.org/10.1037/vio0000069>
- Whorley, MR & Addis, ME (2006). Dez anos de pesquisa psicológica sobre homens e masculinidade nos Estados Unidos: tendências metodológicas dominantes. *Sex Roles, 55*, 649-658.
- Willis, G. B., DeMaio, T. J., & Harris-Kojetin, B. (1999). Is the bandwagon headed to the methodological promised land? Evaluating the validity of cognitive interviewing techniques. In M. G. Sirken, S. Schechter, N.
- Winnicott, D.W. (1983). *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Trad. M. B. Cipolla. Porto Alegre: Artmed.
- Witt, S. D. (2000). The influence of peers on children's socialization to gender roles. *Early Child Development and Care, 162*, 1–7. <http://dx.doi.org/10.1080/0300443001620101>

World Health Organization, 2017 <http://www.who.int/mediacentre/factsheets/fs239/en/>

World Health Organization (2017) Violence Against Women: Prevalence
[http://www.who.int/reproductivehealth/publications/violence/VAW_Prevalence.jpeg?
ua=1](http://www.who.int/reproductivehealth/publications/violence/VAW_Prevalence.jpeg?ua=1)

Wright, P. J., & Tokunaga, R. S. (2016). Men's objectifying media consumption, objectification of women, and attitudes supportive of violence against women. *Archives of Sexual Behavior*, 45, 955–964.

Zosky, D. (2016) Changing Hostile Beliefs towards Women through Partner Abuse Intervention Programs. *Open Journal of Social Sciences*, 4, 99-107.
<http://dx.doi.org/10.4236/jss.2016.42014>

ANEXOS

ANEXO A - Estatística Descritiva da Amostra

Descriptive Statistics

	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
Idade	479	20	66	43,37	6,267
Valid N (listwise) 479					

Nacionalidade

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Alemã	6	1,3	1,3	1,3
	Belga	1	,2	,2	1,5
	Brasileira	1	,2	,2	1,7
	Congolesa	1	,2	,2	1,9
	Espanhola	30	6,3	6,3	8,1
	Francesa	11	2,3	2,3	10,4
	Gregã	5	1,1	1,1	11,5
	Inglesa	62	12,9	12,9	24,4
	Italiana	29	6,1	6,1	30,5
	Kuwaitiana	1	,2	,2	30,7
	Mexicano	1	,2	,2	30,9
	Portuguesa	328	68,5	68,5	99,4
	Salvadorenha	1	,2	,2	99,6
	Senegalesa	2	,4	,4	100,0
	Total	479	100,0	100,0	

Nacionalidade

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não portuguesa	151	31,5	31,5	31,5
	Portuguesa	328	68,5	68,5	100,0
	Total	479	100,0	100,0	

Residência

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Abrantes	1	,2	,2	,2
	Alemanha	1	,2	,2	,4
	Angra do Heroísmo	1	,2	,2	,6
	Athenas	2	,4	,4	1,0
	Athens	1	,2	,2	1,3
	Attika	1	,2	,2	1,5
	Aveiro	2	,4	,4	1,9
	Barcelona	5	1,0	1,0	2,9
	Beja	3	,6	,6	3,5
	Bilbao	1	,2	,2	3,8
	Bordeaux	1	,2	,2	4,0
	Braga	7	1,5	1,5	5,4
	Braganca	1	,2	,2	6,5
	Bragança	4	,8	,8	6,3
	cambridge	1	,2	,2	6,7
	Castelo Branco	2	,4	,4	7,1
	Coimbra	12	2,5	2,5	9,6
	cornwall	2	,4	,4	10,0
	dorset	1	,2	,2	10,2
	Dublin	1	,2	,2	10,4
	Everton	1	,2	,2	10,6
	Évora	7	1,5	1,5	12,1
	Faro	19	4,0	4,0	16,1
	Florence	1	,2	,2	16,3
	Génova	1	,2	,2	16,5
	Granada	1	,2	,2	16,7
	Guarda	3	,6	,6	17,3
	Hamburgo	2	,4	,4	17,7
	Hampshire	1	,2	,2	18,0
	Hertfordshire	6	1,3	1,3	19,2
	Kuwait	2	,4	,4	19,6
	Kuwait city	1	,2	,2	19,8
	leeds	1	,2	,2	20,0

Leiria	5	1,0	1,0	21,1
Lisboa	167	34,9	34,9	55,9
Lisbon	1	,2	,2	56,2
liverpool	4	,8	,8	57,0
Liverpool	2	,4	,4	57,4
london	9	1,9	1,9	59,3
London	17	3,5	3,5	62,8
Lyon	1	,2	,2	63,0
Madrid	17	3,5	3,5	66,6
Malaga	1	,2	,2	66,8
manchester	3	,6	,6	67,4
Manchester	3	,6	,6	68,1
Milan	15	3,1	3,1	71,2
Monaco	1	,2	,2	71,4
Munich	1	,2	,2	71,6
Murcia	1	,2	,2	71,8
Napoles	1	,2	,2	72,0
Napoli	1	,2	,2	72,2
Newcastle	2	,4	,4	72,7
Nice	2	,4	,4	73,1
oxford	2	,4	,4	73,5
Paris	4	,8	,8	74,3
Pontinha	1	,2	,2	74,5
Porto	37	7,7	7,7	82,3
portsmouth	1	,2	,2	82,5
Portugal	1	,2	,2	82,7
Reino Unido	2	,4	,4	83,1
Roma	4	,8	,8	83,9
Rome	2	,4	,4	84,3
Salamanca	1	,2	,2	84,6
Santander	1	,2	,2	84,8
Santarém	6	1,3	1,3	86,0
Setubal	3	,6	,6	93,5
Setúbal	33	6,9	6,9	92,9
Sevilha	1	,2	,2	93,7
Sintra	1	,2	,2	93,9

southampton	1	,2	,2	94,2
Spata,Athens	1	,2	,2	94,4
Tomar	1	,2	,2	94,6
Torino	2	,4	,4	95,0
Vigo	2	,4	,4	95,4
Vila real	2	,4	,4	95,8
Vila Real	4	,8	,8	96,7
Viseu	10	2,1	2,1	98,7
Watford	1	,2	,2	99,0
Wesel	4	,8	,8	99,8
Worcestershire	1	,2	,2	100,0
Total	479	100,0	100,0	

Tipo_Local

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Urbano	381	79,5	79,5	79,5
	Semiurbano	65	13,6	13,6	93,1
	Rural	33	6,9	6,9	100,0
	Total	479	100,0	100,0	

Hab_Lit

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	3° Ciclo	14	2,9	2,9	2,9
	Ensino Secundário	41	8,6	8,6	11,5
	Curso Técnico/ Profissional	101	21,1	21,1	32,6
	Licenciatura	243	50,7	50,7	83,3
	Mestrado ou Superior	80	16,7	16,7	100,0
	Total	479	100,0	100,0	

Est_Civil

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Solteiro	55	11,5	11,5	11,5
	Casado	307	64,1	64,1	75,6
	União de Facto	30	6,3	6,3	81,8
	Divorciado	87	18,2	18,2	100,0
	Total	479	100,0	100,0	

Rendimento Anual					
		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Até 10 000 euros	38	7,9	7,9	7,9
	De 10 001 a 20 000 euros	54	11,3	11,3	19,2
	De 20 001 a 40 000 euros	219	45,7	45,7	64,9
	De 40 001 a 80 000 euros	155	32,4	32,4	97,3
	Superior a 80 000 euros	13	2,7	2,7	100,0
	Total	479	100,0	100,0	

Hab_Lit * Nacionalidade_2 Crosstabulation					
		Nacionalidade_2			
			Não Portugueses	Portugueses	Total
Hab_Lit	3º Ciclo	Count	5	9	14
		% within Nacionalidade_2	3,3%	2,7%	2,9%
	Ensino Secundário	Count	1	40	41
		% within Nacionalidade_2	0,7%	12,2%	8,6%
	Curso Técnico/ Profissional	Count	43	58	101
		% within Nacionalidade_2	28,5%	17,7%	21,1%
	Licenciatura	Count	82	161	243
		% within Nacionalidade_2	54,3%	49,1%	50,7%
	Mestrado ou Superior	Count	20	60	80
		% within Nacionalidade_2	13,2%	18,3%	16,7%
	Total	Count	151	328	479
		% within Nacionalidade_2	100,0%	100,0%	100,0%

Tipo_Local * Nacionalidade_2 Crosstabulation					
		Nacionalidade_2			
			Estrangeiro	Português	Total
Tipo_Local	Urbano	Count	109	272	381
		% within Nacionalidade_2	72,2%	82,9%	79,5%
	Semiurbano	Count	26	39	65
		% within Nacionalidade_2	17,2%	11,9%	13,6%
	Rural	Count	16	17	33
		% within Nacionalidade_2	10,6%	5,2%	6,9%
	Total	Count	151	328	479
		% within Nacionalidade_2	100,0%	100,0%	100,0%

Est_Civil * Nacionalidade_2 Crosstabulation

		Nacionalidade_2			
		Estrangeiro	Português	Total	
Est_Civil	Solteiro	Count	11	44	55
		% within Nacionalidade_2	7,3%	13,4%	11,5%
	Casado	Count	104	203	307
		% within Nacionalidade_2	68,9%	61,9%	64,1%
	União de Facto	Count	10	20	30
		% within Nacionalidade_2	6,6%	6,1%	6,3%
	Divorciado	Count	26	61	87
		% within Nacionalidade_2	17,2%	18,6%	18,2%
Total		Count	151	328	479
		% within Nacionalidade_2	100,0%	100,0%	100,0%

Rend_Anual * Nacionalidade_2 Crosstabulation

		Nacionalidade_2			
		Estrangeiro	Português	Total	
Rend_Anual	Até 10 000 euros	Count	5	33	38
		% within Nacionalidade_2	3,3%	10,1%	7,9%
	De 10 001 a 20 000 euros	Count	7	47	54
		% within Nacionalidade_2	4,6%	14,3%	11,3%
	De 20 001 a 40 000 euros	Count	53	166	219
		% within Nacionalidade_2	35,1%	50,6%	45,7%
	De 40 001 a 80 000 euros	Count	81	74	155
		% within Nacionalidade_2	53,6%	22,6%	32,4%
	Superior a 80 000 euros	Count	5	8	13
		% within Nacionalidade_2	3,3%	2,4%	2,7%
Total		Count	151	328	479
		% within Nacionalidade_2	100,0%	100,0%	100,0%

ANEXO B – Fiabilidade da Escala

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,852	30

Item-Total Statistics

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
it1	14,31	33,490	,251	,851
it2	14,00	32,326	,418	,846
it3	14,20	33,918	,142	,855
it4	14,22	32,307	,448	,846
it5	13,72	33,857	,221	,852
it6	14,00	32,586	,371	,848
it7	13,67	34,409	,116	,853
it8	14,33	33,794	,199	,852
it9	14,07	32,234	,432	,846
it10	14,16	32,260	,439	,846
it11	14,03	31,623	,545	,842
it12	13,94	32,229	,446	,846
it13	14,38	32,824	,451	,846
it14	14,20	32,531	,400	,847
it15	14,21	32,605	,387	,847
it16	14,03	32,044	,467	,845
it17	14,19	31,470	,599	,841
it18	14,14	31,532	,571	,842
it19	14,23	33,273	,267	,851
it20	14,18	32,339	,429	,846
it21	13,68	34,607	,057	,855
it22	14,13	31,408	,592	,841
it23	14,05	31,063	,649	,839
it24	13,63	34,626	,075	,854
it25	14,28	32,043	,536	,843
it26	14,17	32,716	,356	,848
it27	14,18	32,496	,398	,847
it28	13,67	34,700	,037	,855
it29	13,83	33,933	,154	,854
it30	14,26	33,140	,302	,850

ANEXO C - Resultados

it1

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Falso	361	75,4	75,4	75,4
	Verdadeiro	118	24,6	24,6	100,0
Total		479	100,0	100,0	

it2

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Falso	215	44,9	44,9	44,9
	Verdadeiro	264	55,1	55,1	100,0
Total		479	100,0	100,0	

it3

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Falso	312	65,1	65,1	65,1
	Verdadeiro	167	34,9	34,9	100,0
Total		479	100,0	100,0	

it4

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Falso	316	66,0	66,0	66,0
	Verdadeiro	163	34,0	34,0	100,0
Total		479	100,0	100,0	

it5

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Falso	77	16,1	16,1	16,1
	Verdadeiro	402	83,9	83,9	100,0
Total		479	100,0	100,0	

it6

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Falso	212	44,3	44,3	44,3
	Verdadeiro	267	55,7	55,7	100,0
	Total	479	100,0	100,0	

it7

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Falso	53	11,1	11,1	11,1
	Verdadeiro	426	88,9	88,9	100,0
	Total	479	100,0	100,0	

it8

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Falso	370	77,2	77,2	77,2
	Verdadeiro	109	22,8	22,8	100,0
	Total	479	100,0	100,0	

it9

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Falso	247	51,6	51,6	51,6
	Verdadeiro	232	48,4	48,4	100,0
	Total	479	100,0	100,0	

it10

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Falso	292	61,0	61,0	61,0
	Verdadeiro	187	39,0	39,0	100,0
	Total	479	100,0	100,0	

it11

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Falso	229	47,8	47,8	47,8
	Verdadeiro	250	52,2	52,2	100,0
	Total	479	100,0	100,0	

it12

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Falso	187	39,0	39,0	39,0
	Verdadeiro	292	61,0	61,0	100,0
	Total	479	100,0	100,0	

it13

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Falso	395	82,5	82,5	82,5
	Verdadeiro	84	17,5	17,5	100,0
	Total	479	100,0	100,0	

it14

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Falso	312	65,1	65,1	65,1
	Verdadeiro	167	34,9	34,9	100,0
	Total	479	100,0	100,0	

it15

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Falso	314	65,6	65,6	65,6
	Verdadeiro	165	34,4	34,4	100,0
	Total	479	100,0	100,0	

it16

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Falso	226	47,2	47,2	47,2
	Verdadeiro	253	52,8	52,8	100,0
	Total	479	100,0	100,0	

it17

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Falso	305	63,7	63,7	63,7
	Verdadeiro	174	36,3	36,3	100,0

Total	479	100,0	100,0
-------	-----	-------	-------

it18

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Falso	279	58,2	58,2	58,2
	Verdadeiro	200	41,8	41,8	100,0
	Total	479	100,0	100,0	

it19

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Falso	325	67,8	67,8	67,8
	Verdadeiro	154	32,2	32,2	100,0
	Total	479	100,0	100,0	

it20

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Falso	300	62,6	62,6	62,6
	Verdadeiro	179	37,4	37,4	100,0
	Total	479	100,0	100,0	

it21

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Falso	60	12,5	12,5	12,5
	Verdadeiro	419	87,5	87,5	100,0
	Total	479	100,0	100,0	

it22

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Falso	276	57,6	57,6	57,6
	Verdadeiro	203	42,4	42,4	100,0
	Total	479	100,0	100,0	

it23

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Falso	239	49,9	49,9	49,9
	Verdadeiro	240	50,1	50,1	100,0

Total	479	100,0	100,0
-------	-----	-------	-------

it24

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Falso	37	7,7	7,7	7,7
	Verdadeiro	442	92,3	92,3	100,0
	Total	479	100,0	100,0	

it25

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Falso	349	72,9	72,9	72,9
	Verdadeiro	130	27,1	27,1	100,0
	Total	479	100,0	100,0	

it26

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Falso	294	61,4	61,4	61,4
	Verdadeiro	185	38,6	38,6	100,0
	Total	479	100,0	100,0	

it27

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Falso	295	61,6	61,6	61,6
	Verdadeiro	184	38,4	38,4	100,0
	Total	479	100,0	100,0	

it28

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Falso	53	11,1	11,1	11,1
	Verdadeiro	426	88,9	88,9	100,0
	Total	479	100,0	100,0	

it29

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Falso	133	27,8	27,8	27,8
	Verdadeiro	346	72,2	72,2	100,0
Total		479	100,0	100,0	

it30

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Falso	337	70,4	70,4	70,4
	Verdadeiro	142	29,6	29,6	100,0
Total		479	100,0	100,0	

Host_Esc

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Baixa	2	,4	,4	,4
	Média	161	33,6	33,6	34,0
	Alta	316	66,0	66,0	100,0
Total		479	100,0	100,0	

Host_Esc * Nacionalidade_2 Crosstabulation

		Nacionalidade_2			
			Estrangeiro	Português	Total
Host_Esc	Baixa	Count	0	2	2
		% within Nacionalidade_2	0,0%	0,6%	0,4%
	Média	Count	18	143	161
		% within Nacionalidade_2	11,9%	43,6%	33,6%
	Alta	Count	133	183	316
		% within Nacionalidade_2	88,1%	55,8%	66,0%
Total		Count	151	328	479
		% within Nacionalidade_2	100,0%	100,0%	100,0%

Host_Esc * Hab_Lit Crosstabulation

		Hab_Lit						
		3° Ciclo	Ensino Secundário	Curso Técnico/ Profissional	Licenciatura	Mestrado ou Superior	Total	
Host_Esc	Baixa	Count	0	0	1	0	1	2
		% within Hab_Lit	0,0%	0,0%	1,0%	0,0%	1,3%	0,4%
Média		Count	4	12	27	80	38	161
		% within Hab_Lit	28,6%	29,3%	26,7%	32,9%	47,5%	33,6%
Alta		Count	10	29	73	163	41	316
		% within Hab_Lit	71,4%	70,7%	72,3%	67,1%	51,3%	66,0%
Total		Count	14	41	101	243	80	479
		% within Hab_Lit	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Host_Esc * Tipo_Local Crosstabulation

		Tipo_Local				
		Urbano	Semiurbano	Rural	Total	
Host_Esc	Baixa	Count	2	0	0	2
		% within Tipo_Local	0,5%	0,0%	0,0%	0,4%
Média		Count	131	20	10	161
		% within Tipo_Local	34,4%	30,8%	30,3%	33,6%
Alta		Count	248	45	23	316
		% within Tipo_Local	65,1%	69,2%	69,7%	66,0%
Total		Count	381	65	33	479
		% within Tipo_Local	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Host_Esc * Est_Civil Crosstabulation

		Est_Civil					
		Solteiro	Casado	União de Facto	Divorciado	Total	
Host_Esc	Baixa	Count	1	0	1	0	2
		% within Est_Civil	1,8%	0,0%	3,3%	0,0%	0,4%
Média		Count	25	99	13	24	161
		% within Est_Civil	45,5%	32,2%	43,3%	27,6%	33,6%
Alta		Count	29	208	16	63	316
		% within Est_Civil	52,7%	67,8%	53,3%	72,4%	66,0%
Total		Count	55	307	30	87	479
		% within Est_Civil	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Host_Esc * Rend_Anual Crosstabulation

		Rend_Anual						
		De 10 001 a	De 20 001 a	De 40 001 a	Superior a			
		Até 10	20 000	40 000	80 000	80 000	Total	
		000 euros	euros	euros	euros	euros		
Host_Esc	Baixa	Count	1	1	0	0	0	2
		% within Rend_Anual	2,6%	1,9%	0,0%	0,0%	0,0%	0,4%
Média		Count	17	16	77	47	4	161
		% within Rend_Anual	44,7%	29,6%	35,2%	30,3%	30,8%	33,6%
Alta		Count	20	37	142	108	9	316
		% within Rend_Anual	52,6%	68,5%	64,8%	69,7%	69,2%	66,0%
Total		Count	38	54	219	155	13	479
		% within Rend_Anual	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Hipótese 1

Correlations			
		Idade	Hostilidade_M
Idade	Pearson Correlation	1	,127**
	Sig. (2-tailed)		,005
	N	479	479
Hostilidade_M	Pearson Correlation	,127**	1
	Sig. (2-tailed)	,005	
	N	479	479

** . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

Correlations			
		Idade	Hostilidade_M
Idade	Pearson Correlation	1	,099
	Sig. (2-tailed)		,074
	N	328	328
Hostilidade_M	Pearson Correlation	,099	1
	Sig. (2-tailed)	,074	
	N	328	328

Correlations			
		Idade	Hostilidade_M
Idade	Pearson Correlation	1	,177*
	Sig. (2-tailed)		,030
	N	151	151
Hostilidade_M	Pearson Correlation	,177*	1
	Sig. (2-tailed)	,030	
	N	151	151

*. Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

Hipótese 2

Group Statistics

	Nacionalidade_2	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
Hostilidade_M	Estrangeiro	151	,5456	,16178	,01317
	Português	328	,4571	,20514	,01133

Independent Samples Test

		Levene's Test		t-test for Equality of Means						
		F	Sig.	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	Std. Error Difference	95% IC	
									Lower	Upper
Hostilidade_M	Equal variances assumed	24,285	,000	4,675	477	,000	,08853	,01894	,05132	,12574
	Equal variances not assumed			5,097	363,007	,000	,08853	,01737	,05437	,12268

Hipótese 3

Descriptives

Hostilidade_M

		95% Confidence Interval for Mean						
	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error	Lower Bound	Upper Bound	Minimum	Maximum
Urbano	381	,4801	,19615	,01005	,4604	,4999	,10	,97
Semiurbano	65	,5054	,19393	,02405	,4574	,5535	,13	,93
Rural	33	,5010	,21106	,03674	,4262	,5758	,17	,87
Total	479	,4850	,19672	,00899	,4673	,5027	,10	,97

ANOVA

Hostilidade_M

	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	,045	2	,022	,577	,562
Within Groups	18,452	476	,039		
Total	18,497	478			

ANOVA

Hostilidade_M

	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	,033	2	,017	,391	,677
Within Groups	13,728	325	,042		
Total	13,761	327			

ANOVA

Hostilidade_M

	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	,062	2	,031	1,187	,308
Within Groups	3,864	148	,026		
Total	3,926	150			

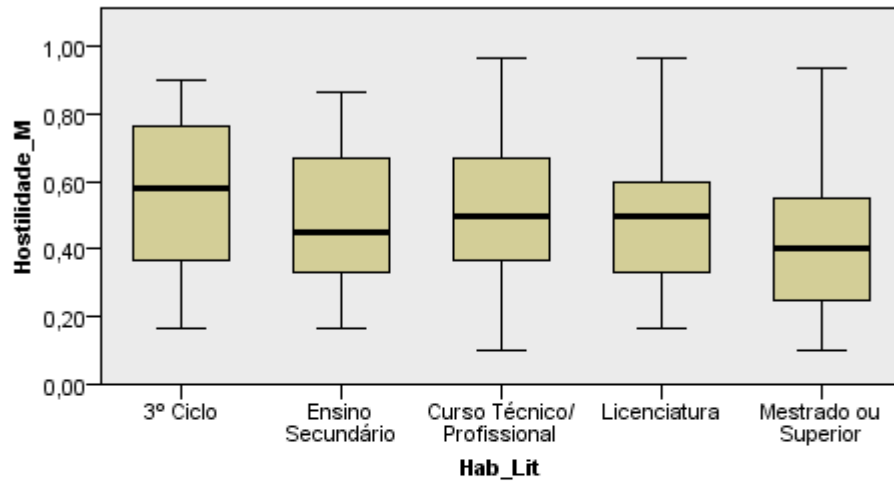
Hipótese 4

Hypothesis Test Summary

	Null Hypothesis	Test	Sig.	Decision
1	The distribution of Hostilidade_M is the same across categories of Hab_Lit.	Independent-Samples Kruskal-Wallis Test	1,000	Reject the null hypothesis.

Asymptotic significances are displayed. The significance level is ,05.

Independent-Samples Kruskal-Wallis Test



Total N	479
Test Statistic	19,582
Degrees of Freedom	4
Asymptotic Sig. (2-sided test)	,001

1. The test statistic is adjusted for ties.

Multiple Comparisons

Dependent Variable: Hostilidade_M

Tukey HSD

(I) Hab_Lit	(J) Hab_Lit	Mean Difference (I-J)	Std. Error	Sig.	95% Confidence Interval	
					Lower Bound	Upper Bound
3º Ciclo	Ensino Secundário	,06140	,05976	,843	-,1022	,2250
	Curso Técnico/ Profissional	,02438	,05506	,992	-,1264	,1751
	Licenciatura	,07137	,05306	,663	-,0739	,2167
	Mestrado ou Superior	,15298	,05593	,050	-,0002	,3061
Ensino Secundário	3º Ciclo	-,06140	,05976	,843	-,2250	,1022
	Curso Técnico/ Profissional	-,03703	,03575	,839	-,1349	,0609
	Licenciatura	,00996	,03259	,998	-,0793	,0992
	Mestrado ou Superior	,09157	,03708	,099	-,0100	,1931
Curso Técnico/ Profissional	3º Ciclo	-,02438	,05506	,992	-,1751	,1264
	Ensino Secundário	,03703	,03575	,839	-,0609	,1349
	Licenciatura	,04699	,02286	,241	-,0156	,1096
	Mestrado ou Superior	,12860*	,02889	,000	,0495	,2077
Licenciatura	3º Ciclo	-,07137	,05306	,663	-,2167	,0739
	Ensino Secundário	-,00996	,03259	,998	-,0992	,0793
	Curso Técnico/ Profissional	-,04699	,02286	,241	-,1096	,0156
	Mestrado ou Superior	,08161*	,02488	,010	,0135	,1498
Mestrado ou Superior	3º Ciclo	-,15298	,05593	,050	-,3061	,0002
	Ensino Secundário	-,09157	,03708	,099	-,1931	,0100
	Curso Técnico/ Profissional	-,12860*	,02889	,000	-,2077	-,0495
	Licenciatura	-,08161*	,02488	,010	-,1498	-,0135

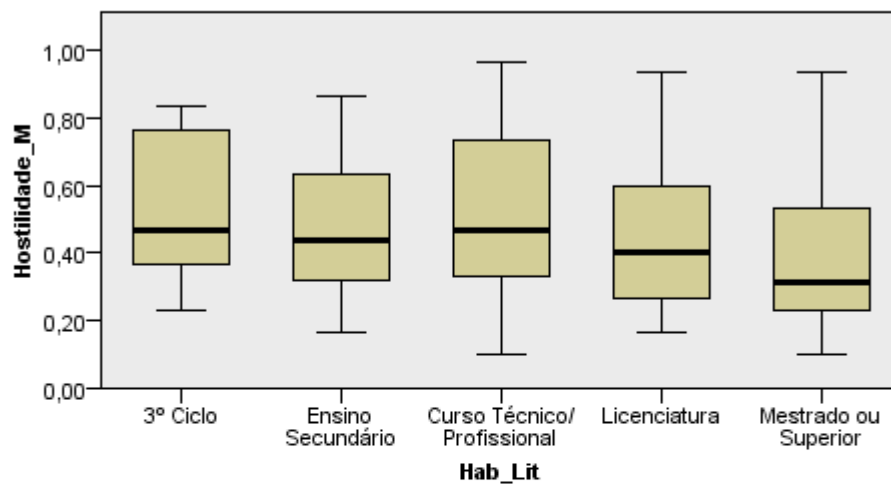
*. The mean difference is significant at the 0.05 level.

Hypothesis Test Summary

	Null Hypothesis	Test	Sig.	Decision
1	The distribution of Hostilidade_M is the same across categories of Hab_Lit.	Independent-Samples Kruskal-Wallis Test	3,000	Reject the null hypothesis.

Asymptotic significances are displayed. The significance level is ,05.

Independent-Samples Kruskal-Wallis Test



Total N	328
Test Statistic	15,762
Degrees of Freedom	4
Asymptotic Sig. (2-sided test)	,003

1. The test statistic is adjusted for ties.

Multiple Comparisons

Dependent Variable: Hostilidade_M

Tukey HSD

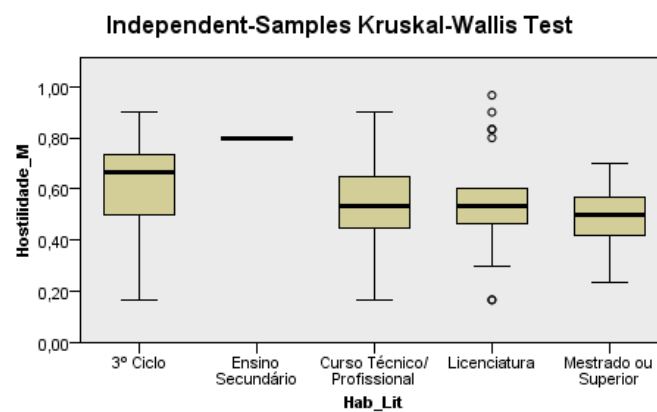
(I) Hab_Lit	(J) Hab_Lit	Mean Difference (I-J)	Std. Error	Sig.	95% Confidence Interval	
					Lower Bound	Upper Bound
3º Ciclo	Ensino Secundário	,04890	,07440	,965	-,1552	,2530
	Curso Técnico/ Profissional	,02653	,07225	,996	-,1717	,2247
	Licenciatura	,08244	,06908	,755	-,1071	,2719
	Mestrado ou Superior	,15759	,07209	,188	-,0402	,3553
Ensino Secundário	3º Ciclo	-,04890	,07440	,965	-,2530	,1552
	Curso Técnico/ Profissional	-,02237	,04145	,983	-,1361	,0913
	Licenciatura	,03354	,03563	,881	-,0642	,1313
	Mestrado ou Superior	,10869	,04117	,066	-,0042	,2216
Curso Técnico/ Profissional	3º Ciclo	-,02653	,07225	,996	-,2247	,1717
	Ensino Secundário	,02237	,04145	,983	-,0913	,1361
	Licenciatura	,05591	,03088	,369	-,0288	,1406
	Mestrado ou Superior	,13106*	,03714	,004	,0292	,2329
Licenciatura	3º Ciclo	-,08244	,06908	,755	-,2719	,1071
	Ensino Secundário	-,03354	,03563	,881	-,1313	,0642
	Curso Técnico/ Profissional	-,05591	,03088	,369	-,1406	,0288
	Mestrado ou Superior	,07515	,03050	,102	-,0085	,1588
Mestrado ou Superior	3º Ciclo	-,15759	,07209	,188	-,3553	,0402
	Ensino Secundário	-,10869	,04117	,066	-,2216	,0042
	Curso Técnico/ Profissional	-,13106*	,03714	,004	-,2329	-,0292
	Licenciatura	-,07515	,03050	,102	-,1588	,0085

*. The mean difference is significant at the 0.05 level.

Hypothesis Test Summary

	Null Hypothesis	Test	Sig.	Decision
1	The distribution of Hostilidade_M is the same across categories of Hab_Lit.	Independent-Samples Kruskal-Wallis Test	195,000	Retain the null hypothesis.

Asymptotic significances are displayed. The significance level is ,05.



Total N	151
Test Statistic	6,062
Degrees of Freedom	4
Asymptotic Sig. (2-sided test)	,195

1. The test statistic is adjusted for ties.
2. Multiple comparisons are not performed because the overall test does not show significant differences across samples.

Hipótese 5

Descriptives

Hostilidade_M

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error	95% Confidence Interval for Mean		Minimum	Maximum
					Lower Bound	Upper Bound		
Solteiro	55	,4101	,18092	,02440	,3612	,4590	,10	,87
Casado	307	,4868	,18856	,01076	,4656	,5079	,13	,97
União de Facto	30	,4295	,19716	,03600	,3559	,5032	,10	,87
Divorciado	87	,5453	,21580	,02314	,4993	,5913	,17	,97
Total	479	,4850	,19672	,00899	,4673	,5027	,10	,97

ANOVA

Hostilidade_M

	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	,718	3	,239	6,394	,000
Within Groups	17,779	475	,037		
Total	18,497	478			

Multiple Comparisons

Dependent Variable: Hostilidade_M

Tukey HSD

(I) Est_Civil	(J) Est_Civil	Mean Difference (I-J)	Std. Error	Sig.	95% Confidence Interval	
					Lower Bound	Upper Bound
Solteiro	Casado	-,07668*	,02833	,035	-,1497	-,0036
	União de Facto	-,01947	,04391	,971	-,1327	,0937
	Divorciado	-,13519*	,03333	,000	-,2211	-,0493
Casado	Solteiro	,07668*	,02833	,035	,0036	,1497
	União de Facto	,05721	,03701	,411	-,0382	,1526
	Divorciado	-,05851	,02350	,063	-,1191	,0021
União de Facto	Solteiro	,01947	,04391	,971	-,0937	,1327
	Casado	-,05721	,03701	,411	-,1526	,0382
	Divorciado	-,11572*	,04096	,025	-,2213	-,0101
Divorciado	Solteiro	,13519*	,03333	,000	,0493	,2211
	Casado	,05851	,02350	,063	-,0021	,1191
	União de Facto	,11572*	,04096	,025	,0101	,2213

*. The mean difference is significant at the 0.05 level.

ANOVA

Hostilidade_M

	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	,683	3	,228	5,643	,001
Within Groups	13,077	324	,040		
Total	13,761	327			

Multiple Comparisons

Dependent Variable: Hostilidade_M

Tukey HSD

(I) Est_Civil	(J) Est_Civil	Mean Difference (I-J)	Std. Error	Sig.	95% Confidence Interval	
					Lower Bound	Upper Bound
Solteiro	Casado	-,08111	,03341	,074	-,1674	,0052
	União de Facto	,00599	,05418	1,000	-,1339	,1459
	Divorciado	-,14491*	,03974	,002	-,2475	-,0423
Casado	Solteiro	,08111	,03341	,074	-,0052	,1674
	União de Facto	,08710	,04708	,252	-,0345	,2087
	Divorciado	-,06380	,02933	,132	-,1396	,0120
União de Facto	Solteiro	-,00599	,05418	1,000	-,1459	,1339
	Casado	-,08710	,04708	,252	-,2087	,0345
	Divorciado	-,15090*	,05177	,020	-,2846	-,0172
Divorciado	Solteiro	,14491*	,03974	,002	,0423	,2475
	Casado	,06380	,02933	,132	-,0120	,1396
	União de Facto	,15090*	,05177	,020	,0172	,2846

*. The mean difference is significant at the 0.05 level.

ANOVA

Hostilidade_M

	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	,069	3	,023	,879	,454
Within Groups	3,857	147	,026		
Total	3,926	150			

Multiple Comparisons

Dependent Variable: Hostilidade_M

Tukey HSD

(I) Est_Civil	(J) Est_Civil	Mean Difference (I-J)	Std. Error	Sig.	95% Confidence Interval	
					Lower Bound	Upper Bound
Solteiro	Casado	-,00706	,05136	,999	-,1405	,1264
	União de Facto	-,01085	,07077	,999	-,1948	,1731
	Divorciado	-,06315	,05826	,700	-,2146	,0882
Casado	Solteiro	,00706	,05136	,999	-,1264	,1405
	União de Facto	-,00378	,05363	1,000	-,1431	,1356
	Divorciado	-,05609	,03552	,394	-,1484	,0362
União de Facto	Solteiro	,01085	,07077	,999	-,1731	,1948
	Casado	,00378	,05363	1,000	-,1356	,1431
	Divorciado	-,05231	,06027	,821	-,2089	,1043
Divorciado	Solteiro	,06315	,05826	,700	-,0882	,2146
	Casado	,05609	,03552	,394	-,0362	,1484
	União de Facto	,05231	,06027	,821	-,1043	,2089

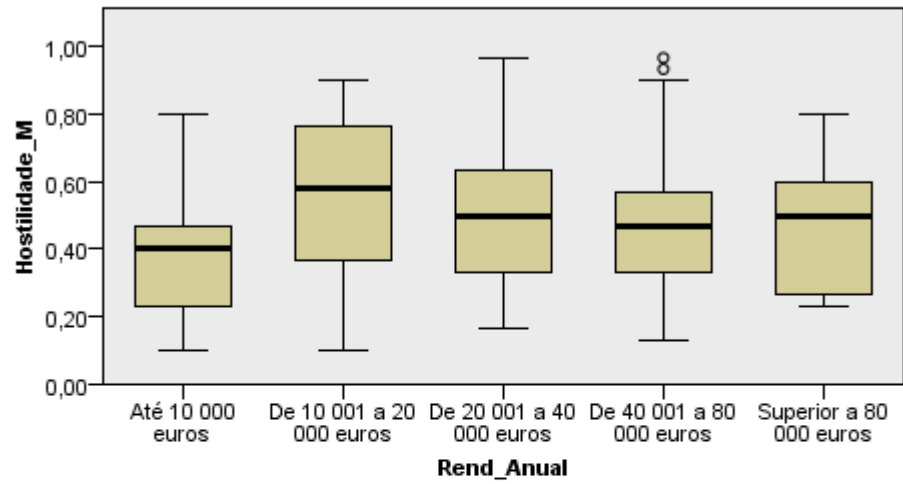
Hipótese 6

Hypothesis Test Summary

	Null Hypothesis	Test	Sig.	Decision
1	The distribution of Hostilidade_M is the same across categories of Rend_Anual.	Independent-Samples Kruskal-Wallis Test	6,000	Reject the null hypothesis.

Asymptotic significances are displayed. The significance level is ,05.

Independent-Samples Kruskal-Wallis Test



Total N	479
Test Statistic	14,331
Degrees of Freedom	4
Asymptotic Sig. (2-sided test)	,006

1. The test statistic is adjusted for ties.

Multiple Comparisons
Dependent Variable: Hostilidade_M

Tukey HSD

(I) Rend_Anuar	(J) Rend_Anuar	Mean Difference (I-J)	Std. Error	Sig.	95% Confidence Interval	
					Lower Bound	Upper Bound
Até 10 000 euros	De 10 001 a 20 000 euros	-,15320*	,04113	,002	-,2658	-,0406
	De 20 001 a 40 000 euros	-,11326*	,03413	,009	-,2067	-,0198
	De 40 001 a 80 000 euros	-,08328	,03516	,126	-,1796	,0130
	Superior a 80 000 euros	-,11147	,06241	,383	-,2824	,0594
De 10 001 a 20 000 euros	Até 10 000 euros	,15320*	,04113	,002	,0406	,2658
	De 20 001 a 40 000 euros	,03994	,02951	,658	-,0409	,1208
	De 40 001 a 80 000 euros	,06992	,03069	,154	-,0141	,1540
	Superior a 80 000 euros	,04173	,06000	,957	-,1226	,2060
De 20 001 a 40 000 euros	Até 10 000 euros	,11326*	,03413	,009	,0198	,2067
	De 10 001 a 20 000 euros	-,03994	,02951	,658	-,1208	,0409
	De 40 001 a 80 000 euros	,02998	,02039	,582	-,0259	,0858
	Superior a 80 000 euros	,00179	,05544	1,000	-,1500	,1536
De 40 001 a 80 000 euros	Até 10 000 euros	,08328	,03516	,126	-,0130	,1796
	De 10 001 a 20 000 euros	-,06992	,03069	,154	-,1540	,0141
	De 20 001 a 40 000 euros	-,02998	,02039	,582	-,0858	,0259
	Superior a 80 000 euros	-,02819	,05608	,987	-,1818	,1254
Superior a 80 000 euros	Até 10 000 euros	,11147	,06241	,383	-,0594	,2824
	De 10 001 a 20 000 euros	-,04173	,06000	,957	-,2060	,1226
	De 20 001 a 40 000 euros	-,00179	,05544	1,000	-,1536	,1500
	De 40 001 a 80 000 euros	,02819	,05608	,987	-,1254	,1818

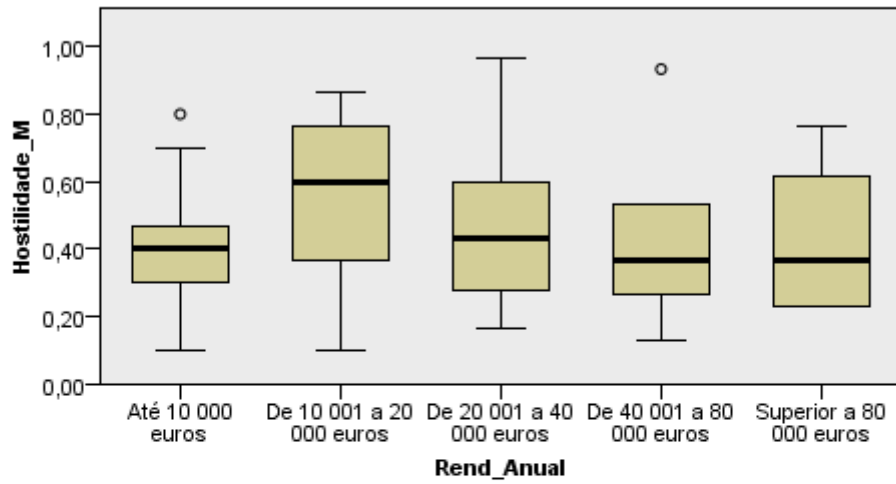
*. The mean difference is significant at the 0.05 level.

Hypothesis Test Summary

	Null Hypothesis	Test	Sig.	Decision
1	The distribution of Hostilidade_M is the same across categories of Rend_Anuar.	Independent-Samples Kruskal-Wallis Test	5,000	Reject the null hypothesis.

Asymptotic significances are displayed. The significance level is ,05.

Independent-Samples Kruskal-Wallis Test



Total N	328
Test Statistic	15,032
Degrees of Freedom	4
Asymptotic Sig. (2-sided test)	,005

1. The test statistic is adjusted for ties.

Multiple Comparisons

Dependent Variable: Hostilidade_M

Tukey HSD

(I) Rend_Anuar	(J) Rend_Anuar	Mean Difference (I-J)	Std. Error	Sig.	95% Confidence Interval	
					Lower Bound	Upper Bound
Até 10 000 euros	De 10 001 a 20 000 euros	-,14044*	,04562	,019	-,2656	-,0153
	De 20 001 a 40 000 euros	-,07053	,03829	,351	-,1756	,0345
	De 40 001 a 80 000 euros	,00191	,04205	1,000	-,1134	,1173
	Superior a 80 000 euros	-,02816	,07916	,997	-,2453	,1890
De 10 001 a 20 000 euros	Até 10 000 euros	,14044*	,04562	,019	,0153	,2656
	De 20 001 a 40 000 euros	,06991	,03319	,220	-,0211	,1610
	De 40 001 a 80 000 euros	,14235*	,03747	,002	,0396	,2451
	Superior a 80 000 euros	,11229	,07683	,588	-,0985	,3230
De 20 001 a 40 000 euros	Até 10 000 euros	,07053	,03829	,351	-,0345	,1756
	De 10 001 a 20 000 euros	-,06991	,03319	,220	-,1610	,0211
	De 40 001 a 80 000 euros	,07244	,02808	,076	-,0046	,1495
	Superior a 80 000 euros	,04237	,07271	,978	-,1571	,2418
De 40 001 a 80 000 euros	Até 10 000 euros	-,00191	,04205	1,000	-,1173	,1134
	De 10 001 a 20 000 euros	-,14235*	,03747	,002	-,2451	-,0396
	De 20 001 a 40 000 euros	-,07244	,02808	,076	-,1495	,0046
	Superior a 80 000 euros	-,03007	,07476	,994	-,2351	,1750
Superior a 80 000 euros	Até 10 000 euros	,02816	,07916	,997	-,1890	,2453
	De 10 001 a 20 000 euros	-,11229	,07683	,588	-,3230	,0985
	De 20 001 a 40 000 euros	-,04237	,07271	,978	-,2418	,1571
	De 40 001 a 80 000 euros	,03007	,07476	,994	-,1750	,2351

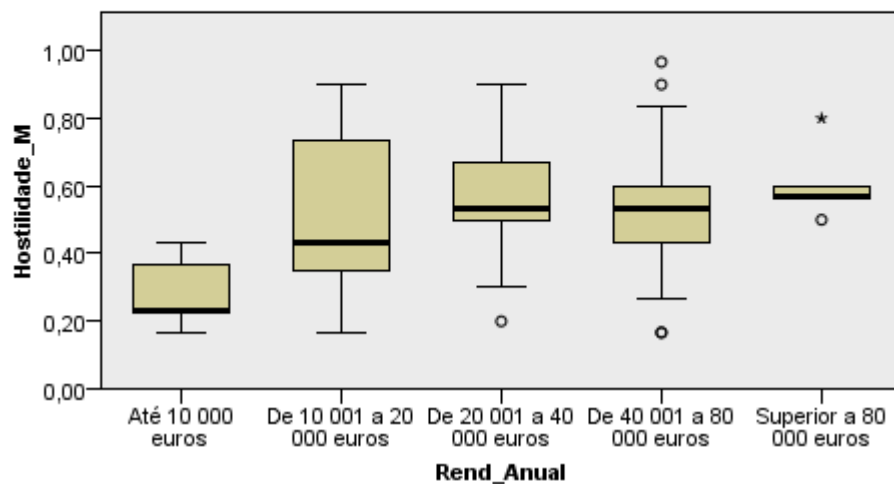
*. The mean difference is significant at the 0.05 level.

Hypothesis Test Summary

	Null Hypothesis	Test	Sig.	Decision
1	The distribution of Hostilidade_M is the same across categories of Rend_Anuar.	Independent-Samples Kruskal-Wallis Test	3,000	Reject the null hypothesis.

Asymptotic significances are displayed. The significance level is ,05.

Independent-Samples Kruskal-Wallis Test



Total N	151
Test Statistic	15,898
Degrees of Freedom	4
Asymptotic Sig. (2-sided test)	,003

1. The test statistic is adjusted for ties.

Multiple Comparisons
Dependent Variable: Hostilidade_M
Tukey HSD

(I) Rend_Anual	(J) Rend_Anual	Mean Difference (I-J)	Std. Error	Sig.	95% Confidence Interval	
					Lower Bound	Upper Bound
Até 10 000 euros	De 10 001 a 20 000 euros	-,23714	,09028	,071	-,4865	,0122
	De 20 001 a 40 000 euros	-,29926*	,07213	,001	-,4985	-,1000
	De 40 001 a 80 000 euros	-,24667*	,07105	,006	-,4429	-,0504
	Superior a 80 000 euros	-,32000*	,09751	,011	-,5893	-,0507
De 10 001 a 20 000 euros	Até 10 000 euros	,23714	,09028	,071	-,0122	,4865
	De 20 001 a 40 000 euros	-,06212	,06200	,854	-,2334	,1091
	De 40 001 a 80 000 euros	-,00952	,06074	1,000	-,1773	,1582
	Superior a 80 000 euros	-,08286	,09028	,890	-,3322	,1665
De 20 001 a 40 000 euros	Até 10 000 euros	,29926*	,07213	,001	,1000	,4985
	De 10 001 a 20 000 euros	,06212	,06200	,854	-,1091	,2334
	De 40 001 a 80 000 euros	,05259	,02724	,306	-,0226	,1278
	Superior a 80 000 euros	-,02074	,07213	,998	-,2200	,1785
De 40 001 a 80 000 euros	Até 10 000 euros	,24667*	,07105	,006	,0504	,4429
	De 10 001 a 20 000 euros	,00952	,06074	1,000	-,1582	,1773
	De 20 001 a 40 000 euros	-,05259	,02724	,306	-,1278	,0226
	Superior a 80 000 euros	-,07333	,07105	,840	-,2696	,1229
Superior a 80 000 euros	Até 10 000 euros	,32000*	,09751	,011	,0507	,5893
	De 10 001 a 20 000 euros	,08286	,09028	,890	-,1665	,3322
	De 20 001 a 40 000 euros	,02074	,07213	,998	-,1785	,2200
	De 40 001 a 80 000 euros	,07333	,07105	,840	-,1229	,2696

*. The mean difference is significant at the 0.05 level.

Report

Hostilidade – Não Portugueses

Rend_Anual	Mean	N	Std. Deviation
Até 10 000 euros	,2867	5	,10954
De 10 001 a 20 000 euros	,5238	7	,27870
De 20 001 a 40 000 euros	,5859	53	,15007
De 40 001 a 80 000 euros	,5333	81	,14720
Superior a 80 000 euros	,6067	5	,11402
Total	,5456	151	,16178